

# **MOBILIDADE INTERNACIONAL DE ARTISTAS E OUTROS PROFISSIONAIS DA CULTURA**

**RELATÓRIO FINAL**

**OBSERVATÓRIO DAS ACTIVIDADES CULTURAIS**

Janeiro 2010



## Equipa do Observatório das Actividades Culturais

### **Responsável executivo**

Rui Telmo Gomes

### **Investigação**

Vanda Lourenço

Teresa Duarte Martinho

### **Colaboração**

Ana Salvador

Susana Chicó

Rui Fernandes



## Índice

SUMÁRIO EXECUTIVO – PRINCIPAIS TENDÊNCIAS.....	7
APRESENTAÇÃO .....	11
1. ENQUADRAMENTO: INDICADORES OFICIAIS .....	13
1.1. A internacionalização de bens e serviços culturais e criativos.....	13
1.2. Vistos emitidos para artistas de outros países .....	18
Vistos emitidos para Artistas, por tipo de visto .....	19
Total de vistos emitidos entre 1 de Janeiro de 2000 e 31 de Dezembro de 2008 .....	21
1.3. Evolução do número de espectáculos em Portugal, 2002-2007 .....	24
Circuito formal de recintos de espectáculo .....	26
Circuito complementar de outros espaços de espectáculo .....	31
2. INQUÉRITO À MOBILIDADE DE ARTISTAS .....	35
2.1. Caracterização da actividade .....	36
2.2. Recursos humanos.....	38
2.3. Recursos financeiros .....	43
2.4. Circuitos internacionais.....	47
Venda de espectáculos .....	49
Compra de espectáculos .....	51
2.5. Participação/promoção de iniciativas internacionais .....	54
2.6. Opiniões sobre a experiência de internacionalização.....	57
Balanço da experiência de internacionalização.....	57
Grau de influência de algumas estratégias .....	61
Observações .....	65
3. CASOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO .....	67
3.1. Políticas e medidas públicas: Programa Inov-Art .....	67
3.2. Redes de Programação: Artemrede .....	72
3.3. Bolsas de formação e valorização profissional .....	75
Bolsas da Cooperativa de Gestão dos Direitos dos Artistas Intérpretes ou Executantes (GDA).....	75
Bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG).....	76
3.4. Festivais.....	80
Ponti – Porto. Natal. Teatro. Internacional .....	80
O Estado do Mundo .....	83
Bibliografia.....	87
Anexo: Lista das entidades que responderam ao inquérito .....	88
Anexo: Questionário .....	95



## SUMÁRIO EXECUTIVO – PRINCIPAIS TENDÊNCIAS

- O presente estudo é uma **sistematização inédita de indicadores sobre mobilidade internacional no domínio das artes performativas**. Utiliza como principal método de pesquisa um inquérito por questionário às instituições e agentes culturais portugueses.
- Verifica-se uma tendência genérica de **crescimento do mercado das artes performativas na última década**: 108% em valor económico entre 2000 e 2006; 86% em número de sessões de espectáculo realizadas entre 2002 e 2007.
- **Internacionalização da programação de espectáculos limitada**: o número de espectáculos de origem internacional licenciados aumenta 38% entre 2002 e 2007, mas a sua proporção não aumenta significativamente, mantendo-se em redor dos 20% ao longo desse período.
- Instituições e agentes culturais portugueses apresentam um **grau de internacionalização fraco**, conforme é demonstrado em **diversos parâmetros**:
  - a) **Recursos humanos**
    - O contingente de profissionais de origem estrangeira a trabalhar no sector das artes performativas em Portugal durante 2008 foi de 24%.
    - A origem europeia é a mais significativa (46% dos profissionais estrangeiros), com destaque para Espanha (14%). Os países lusófonos representam 8%, o Brasil 5%.
  - b) **Recursos financeiros**
    - Menos de um terço (31%) das instituições e agentes realizaram em 2008 alguma despesa com actividades de internacionalização e apenas 11% afectaram mais de um décimo do seu orçamento a este fim.
    - Em termos de receita, esses indicadores diminuem: 28% das instituições e agentes obtêm receitas da actividade internacional, dos quais 7% numa proporção superior a um décimo do respectivo orçamento.

### c) Circuitos internacionais

- O mercado nacional constitui esmagadoramente o contexto da actividade desenvolvida: ao longo dos últimos dez anos verifica-se um aumento dos espectáculos vendidos em circuitos internacionais, mas que não ultrapassam 7% das vendas realizadas em 2008.
- A Espanha é claramente o principal destino dos espectáculos vendidos para o exterior (38%), perfazendo o conjunto dos países europeus 76% das vendas internacionais.
- Os países lusófonos representam 18% dos espectáculos vendidos para o exterior, o Brasil 15%.
- Desproporção evidente entre espectáculos vendidos e comprados em circuitos internacionais em 2008 - 2,4 comprados por cada espectáculo vendido para o exterior.
- Maior diversidade na entrada que na saída de espectáculos: Espanha é de novo o país mais referido, mas de forma menos pronunciada (15% dos espectáculos internacionais comprados). Os países europeus totalizam 47%.
- Fora da Europa, 9% dos espectáculos vêm dos Estados Unidos e 6% do Brasil (3% do conjunto dos restantes países lusófonos)
- **Os países europeus e especialmente a Espanha são os principais países de intercâmbio** no domínio das artes performativas, como é patente em diversos parâmetros.
- **A língua é um capital pouco explorado:** o horizonte europeu é claramente privilegiado face ao espaço da lusofonia, que surge secundarizado nos vários aspectos relevantes. É de realçar que **o potencial do Brasil enquanto parceiro e enquanto mercado não se traduz num intercâmbio efectivo.**
- Em termos de sub-domínios das artes performativas, **a música surge claramente como sector mais internacionalizado, em contraste com o teatro.** Um caso particular de internacionalização é o do sector dança, ainda que o volume de actividade seja inferior.
- **É atribuída pouca importância a estratégias proactivas de internacionalização:** apenas 14% consideram ser muito influente liderar projectos com parceiros internacionais; 30% consideram ser muito influente ser convidado a participar em projectos liderados por parceiros internacionais.



- Por último, sobre o conhecimento deste domínio: **na grande maioria dos casos, instituições e agentes culturais não têm informação específica e sistematizada sobre a sua própria actividade de internacionalização.** O preenchimento desta lacuna passará pela realização de estudos mais detalhados, mas depende fundamentalmente da iniciativa dessas mesmas instituições e agentes, seja através da assunção deste tema em relatórios de actividade, bancos de dados e outra documentação, seja através de associações formais ou informais representativas do meio – o que aliás sucede em outros países europeus. Neste aspecto é ainda relevante o papel dos organismos públicos com competências na área, designadamente dos Ministérios da Cultura e dos Negócios Estrangeiros, como também se verifica noutros países europeus.



## APRESENTAÇÃO

O Relatório que agora se apresenta tem por objectivo global averiguar a experiência de mobilidade de agentes e instituições culturais portuguesas e, no imediato, o objectivo pragmático de fornecer informação sistematizada e útil para a participação portuguesa no grupo de trabalho de peritos europeus dedicado ao tema da mobilidade internacional de artistas e outros profissionais da cultura, no âmbito da Agenda Europeia da Cultura.

Para esse efeito, utilizou-se como instrumento principal de pesquisa um inquérito à experiência de mobilidade internacional de entidades e instituições no domínio das artes performativas. Em complemento, reuniu-se um conjunto de dados de diferente natureza e recolhidos em múltiplas fontes. Esta informação está organizada no Relatório em três capítulos que decorrem dos módulos de trabalho apresentados na proposta de projecto inicial.

Um primeiro capítulo reúne indicadores estatísticos recolhidos junto de fontes primárias oficiais e relativos a diversos aspectos relevantes para o tema da mobilidade, provenientes do Instituto Nacional de Estatísticas, da Inspeção-Geral das Actividades Culturais, Ministério dos Negócios Estrangeiros e de um estudo recente sobre o *Sector Cultural e Criativo em Portugal* (Mateus e Primitivo (coord.), 2009). Foram também consultadas fontes do Ministério do Trabalho e Segurança Social e do Ministério da Cultura – Direcção-Geral das Artes. As fontes disponíveis permitem caracterizar o sector das artes performativas e os fluxos económicos internacionais, mas mais dificilmente ambos em simultâneo. Procura-se em todo o caso juntar os dados disponíveis, ainda que fragmentados, para traçar um panorama de conjunto.

O segundo capítulo é composto pela apresentação do inquérito. Considera-se para esse efeito a aplicação do questionário que decorreu entre o início de Julho e Novembro de 2009. Ao mesmo tempo, os resultados do inquérito são articulados com os indicadores antes apresentados.

O terceiro e último capítulo apresenta experiências de internacionalização diversas – quer no que respeita a sectores abrangidos quer no que se relaciona com o formato (festivais, redes, bolsas de apoio à internacionalização) – com indicadores de actividade e indicadores financeiros.



## 1. ENQUADRAMENTO: INDICADORES OFICIAIS

### 1.1. A INTERNACIONALIZAÇÃO DE BENS E SERVIÇOS CULTURAIS E CRIATIVOS

Tendo por objectivo contextualizar o panorama nacional no que respeita à internacionalização de bens e serviços culturais, procura-se neste ponto fornecer alguma informação que permita caracterizar as principais dinâmicas do mercado interno e externo no sector cultural e criativo.

Para o efeito, utiliza-se como fonte secundária o estudo encomendado pelo GPEARI – MC sobre o *Sector Cultural e Criativo em Portugal* (Mateus e Primitivo (coord.), 2009) recentemente realizado. Este estudo aponta para um crescimento do subsector das artes performativas de 108% entre 2000 e 2006, representando neste último ano um valor acrescentado bruto de 144 milhões de euros. Este subsector tem um peso relativo de 4% no conjunto do sector cultural e criativo, o qual cresceu 19% no mesmo período.

O mesmo estudo apresenta um conjunto de indicadores de relevo para a caracterização das dinâmicas de internacionalização do sector das artes do espectáculo. Apresentam-se dois quadros que sintetizam globalmente a *performance* portuguesa no contexto europeu no que concerne ao comércio internacional de produtos e serviços criativos e culturais<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Os quadros apresentados foram retirados do relatório da UNCTAD *Creative Economy Report*, 2008. Neste relatório alertam-se os leitores para as limitações metodológicas das comparações internacionais das exportações, uma vez que diferentes países reportam diferentes categorias de serviços culturais e criativos, e apresentam séries anuais diferenciadas.

Quadro nº 1  
**Comércio Internacional de Serviços Criativos e Culturais**  
 (Portugal)

<b>Exportações (milhões de dólares)</b>			
	2005	1996	Tx. de Crescimento 05/96
Direitos de propriedade intelectual	60	20	200%
Publicidade	225	81	180%
Arquitectura	226	109	107%
Audiovisuais	28	11	145%
I&D	36	17	106%
Serviços pessoais, culturais e recreativos	354	165	114%
<b>Total produtos SCC</b>	<b>930</b>	<b>404</b>	<b>130%</b>
<b>Importações (milhões de dólares)</b>			
	2005	1996	Tx. de Crescimento 05/96
Direitos de propriedade intelectual	328	274	19%
Publicidade	207	82	154%
Arquitectura	284	220	29%
Audiovisuais	116	63	84%
I&D	27	25	10%
Serviços pessoais, culturais e recreativos	533	235	127%
<b>Total produtos SCC</b>	<b>1.495</b>	<b>899</b>	<b>66%</b>
Taxa de cobertura das importações pelas exportações (EXP/IMP)	62%	45%	

Fonte: O Sector Cultural e Criativo em Portugal, Augusto Mateus e Associados, Julho 2009, a partir do estudo *Creative Economy Report 2008*, UNCTAD

Legenda: SCC - Sector Cultural e Criativo

- As exportações de serviços criativos e culturais com origem no mercado português ascenderam a 870 milhões de dólares em 2005, aos quais se somam 60 milhões relativos à propriedade intelectual (totalizando, tal como o quadro nº 1 mostra, 930 milhões de dólares).
- Note-se uma tendência crescente na taxa de cobertura das importações pelas exportações de serviços, ao contrário do verificado a nível dos produtos, tal como o quadro nº 2 demonstra – de 45% em 1996, passa para 62% em 2005. Este aumento deve-se sobretudo ao dinamismo das exportações dos serviços de Publicidade e Arquitectura – em 2005 representam cerca de metade do total de exportações nacionais de serviços.
- Refira-se igualmente as exportações contabilizadas através do Direitos de Propriedade Intelectual, assinalando um crescimento significativo. No entanto veja-se que é sobretudo no conjunto das importações que esta categoria assume maior significado, com 328 milhões de dólares em 2005.

- Os serviços pessoais, culturais e recreativos<sup>2</sup> – categoria onde figuram os serviços das artes do espectáculo – registam uma taxa de crescimento crescente no que respeita às exportações, embora ligeiramente menor do que a verificada para as importações. Refira-se porém, que é a categoria que maior volume monetário apresenta no conjunto das categorias que compõem, neste estudo, o sector cultural e criativo.

---

<sup>2</sup> Categoria que inclui um leque variado de serviços sem que seja possível discriminá-los. Embora os serviços das artes do espectáculo estejam aí incluídos, é necessário alguma reserva na leitura destes dados. Procura-se somente evidenciar algumas possíveis tendências no comércio internacional das actividades do sector cultural e criativo.

Quadro nº 2  
**Comércio Internacional de Produtos Criativos e Culturais**  
(Portugal e EU-27)

<b>Exportações (milhões de dólares)</b>						
	2005		1996		Tx. de Crescimento 05/96	
	PT	EU 27	PT	EU 27	PT	EU 27
Expressões culturais tradicionais	221	7.404	265	5.670	-17%	31%
Audiovisuais	2	247	0	115	1304%	114%
Design	970	89.932	719	62.139	35%	45%
Música	14	10.945	9	3.643	53%	200%
Novos media	2	3.940	1	1.787	165%	120%
Edição	54	23.463	40	17.727	35%	32%
Artes visuais	109	9.125	173	5.033	-37%	81%
<b>Total produtos SCC</b>	<b>1.371</b>	<b>145.056</b>	<b>1.206</b>	<b>96.115</b>	<b>14%</b>	<b>51%</b>

<b>Importações (milhões de dólares)</b>						
	2005		1996		Tx. de Crescimento 05/96	
	PT	EU 27	PT	EU 27	PT	EU 27
Expressões culturais tradicionais	149	9.859	96	6.772	56%	46%
Audiovisuais	3	122	2	96	73%	27%
Design	1.228	85.617	711	49.299	73%	74%
Música	172	9.872	30	2.727	474%	262%
Novos media	82	5.617	50	2.424	65%	132%
Edição	312	19.245	263	14.883	18%	29%
Artes visuais	89	7.625	52	4.029	71%	89%
<b>Total produtos SCC</b>	<b>2.034</b>	<b>137.957</b>	<b>1.204</b>	<b>80.230</b>	<b>69%</b>	<b>72%</b>
Taxa de cobertura das importações pelas exportações (EXP/IMP)	67%	105%	100%	120%		

Fonte: *O Sector Cultural e Criativo em Portugal*, Augusto Mateus e Associados, Julho 2009, a partir do estudo *Creative Economy Report 2008*, UNCTAD

Legenda: SCC - Sector Cultural e Criativo

- O ritmo de crescimento das exportações portuguesas entre 1996 e 2005 ficou longe da média europeia (14% face a 51%), traduzindo-se numa expressiva degradação da taxa de cobertura das importações pelas exportações e na diminuição da quota das exportações portuguesas no total da EU 27.
- Nos anos considerados, as categorias que sinalizam um crescimento mais acentuado de exportações são aquelas que detêm ainda pouco peso na estrutura das exportações – os produtos Audiovisuais e os Novos media com uma taxa de crescimento de 1304% e 165%, respectivamente. Por seu lado, as categorias que regra geral mais contribuem para o total das exportações, registam crescimentos menos significativos – veja-se por exemplo o caso dos produtos relacionados com as Expressões Culturais Tradicionais com um crescimento negativo de -17%.



- A categoria Design representa a maior fatia dos fluxos de comércio internacional de produtos culturais e criativos.
- No que respeita às importações destaca-se o assinalável crescimento de produtos incluídos na categoria de Música – com uma taxa de crescimento de 474%.

Refiram-se, para terminar, quatro aspectos que constituem debilidades apontadas pelo estudo do MC – GPEARI, relativamente ao comércio internacional do sector cultural e criativo:

- i) Fraco dinamismo das indústrias relacionadas e de suporte ao sector cultural e criativo – aspecto relevante do ponto de vista da sustentabilidade dos empregos e da competitividade nas indústrias criativas.
- ii) Dificuldade em articular lógicas de produção e de distribuição.
- iii) Dificuldade de valorização internacional da língua portuguesa – remetendo para a estagnação das exportações das indústrias culturais.
- iv) Fraca valorização de aspectos relativos à internacionalização e distribuição de agentes públicos e privados.

## 1.2. VISTOS EMITIDOS PARA ARTISTAS DE OUTROS PAÍSES

### Metodologia

Apresentam-se, aqui, dados sobre vistos emitidos para artistas e outros profissionais da cultura, disponibilizados, em Julho de 2009, pela Direcção do Serviço de Vistos e Circulação de Pessoas da Direcção-Geral de Assuntos Consulares das Comunidades Portuguesas (DGACCP) do Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE). Os dados reportam-se ao período desde 2000 ao final de 2008 – desde 2000 pois não existem dados informatizados para a fase anterior.

A informação disponibilizada é apresentada com diferentes níveis de desagregação. Num primeiro ponto, os dados apresentam-se em dois períodos distintos: de 1 de Janeiro de 2000 a 2 de Agosto de 2007; de 3 de Agosto a 31 de Dezembro de 2008. Este seccionamento tem a ver com a legislação – e as alterações que foi tendo – relativa a entrada, permanência e saída de estrangeiros. A Lei nº 23/07, de 4 de Julho – que aprova o regime jurídico de entrada, permanência, saída e afastamentos de estrangeiros do território nacional – entrou em vigor no dia 03.08.07. Revogou o Decreto-Lei nº 244/98 (com a redacção do Decreto-Lei nº34/2003, de 25 de Fevereiro. Este diploma era regulamentado pelo Decreto Regulamentar nº 6/2004, de 26 de Abril, depois substituído pelo Decreto Regulamentar nº 84/07, de 5 de Novembro).

Num segundo ponto, os diferentes tipos de vistos em vigor naquele período são contemplados em conjunto.

Uma ressalva metodológica: as categorias profissionais artísticas utilizadas para efeitos de emissão de vistos não assentam num dispositivo formal de certificação profissional e não têm correspondência com as nomenclaturas estatísticas oficiais relativas a profissões. Não é por isso possível identificar concretamente áreas de trabalho e funções desempenhadas pelos profissionais que obtêm os vistos. Não obstante, esta é a fonte oficial disponível relativa às entradas de profissionais artistas no país.

VISTOS EMITIDOS PARA ARTISTAS, POR TIPO DE VISTO

Quadro nº 1

Número de vistos para artistas emitidos entre 1 de Janeiro de 2000 e 2 de Agosto e 2007

Origem	Anos								Total
	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007 (1º semestre)	
Europa	115	506	171	89	223	309	206	126	1.745
América	182	200	180	171	153	186	179	52	1.303
<i>Países lusófonos (Brasil)</i>	82	67	79	125	102	158	147	43	803
África	94	13	15	1	16	7	1	5	152
<i>Países lusófonos</i>	70	8	12			7		5	102
Ásia	25	28	3	2	4	33	45	2	142
Oceânia		6		12			1		19
Outro		1		2		3	1	1	8
<i>Total</i>	416	754	369	277	396	538	433	186	3.369

Fonte: Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE)

Notas:

No período 2000-2003 vigoraram vistos denominados 'Trabalho no âmbito do espectáculo' (Decreto-Lei nº 4/01, de 10 de Janeiro); no período 2003 a 2007 os vistos para artistas inserem-se na categoria 'Trabalho no âmbito do desporto e espectáculo' (Decreto-Lei nº 34/03, de 25 de Fevereiro)

- Principais tendências registadas quanto ao volume de vistos emitidos para artistas entre 1 de Janeiro de 2000 e 2 de Agosto e 2007:
  - i) verifica-se que o número de vistos para oriundos do Brasil aumenta a partir de 2002;
  - ii) diminuem de forma significativa, a partir de 2000, os vistos atribuídos a artistas provenientes do continente africano;
  - iii) o número de vistos para europeus corresponde a cerca de metade do total no período considerado, embora seja muito variável de ano para ano.

*Quadro nº 2*  
**Número de vistos de estada temporária e de residência para artistas emitidos entre 03/08/2007 a 31/12/2008**

Origem	Vistos		Total
	Vistos de estada temporária*	Vistos de residência**	
Europa	115	11	126
África	3	1	4
<i>Países lusófonos</i>	2		2
América	9	9	18
<i>País lusófono (Brasil)</i>	5	6	11
Ásia	11		11
Oceânia	3		3
<i>Total</i>	141	21	162

Fonte: Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE).

Nota: o período indicado corresponde à fase em que a emissão de vistos passou a ser enquadrada pela Lei nº 23/2007 de 4 de Julho. \* Visto destinado a actividade de investigação ou altamente qualificada, válido por três meses. \*\* Visto destinado a actividade de investigação ou altamente qualificada, válido por quatro meses.

*Quadro nº 3*  
**Número de vistos de curta duração para artistas emitidos entre 03/08/2007 a 31/12/2008**

Origem	Vistos		Total	
	Validade de 6 meses	Validade até 1/2/3 e 5 anos		
	nº	nº	nº	%
Europa	404	41	445	36,7
África	399	31	430	36,3
<i>Países lusófonos</i>	168	22	190	
América	145	1	146	13,2
<i>País lusófono (Brasil)</i>				
Ásia	151	2	153	13,7
Oceânia	1	0	1	0,1
<i>Total</i>	1.100	75	1.175	100,0

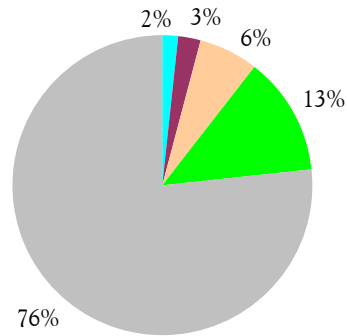
Fonte: Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE).

Nota: o período indicado corresponde à fase em que a emissão de vistos passou a ser enquadrada pela Lei nº 23/2007 de 4 de Julho. Os vistos de curta duração ou Schengen têm validade de 6 meses até 1/2/3 e 5 anos a duração de estada é no máximo 90 dias.

- Principais tendências observadas no que respeita ao número de vistos emitidos para artistas entre 3 de Agosto de 2007 a 31 de Dezembro de 2008:
  - i) número mais elevado de vistos de estada temporária e de residência concedidos a artistas europeus (quadro nº2);
  - ii) volume superior de vistos de curta duração (quadro nº 3);
  - iii) lugar significativo dos países lusófonos no continente 'África' (quadro nº 3).

Gráfico nº 1

Percentagem de vistos para profissionais do sector cultural emitidos entre 2000 e 2008, por profissão



■ Moda/Cosmética ■ Artesãos ■ Arquitectos ■ Jornalistas ■ Artistas

Fonte: Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE)

Notas:

- i) As categorias profissionais correspondem a nomenclaturas empregues pelo MNE, que como se mencionou acima não correspondem a certificação profissional nem às nomenclaturas estatísticas oficiais.
- ii) O gráfico agrega os diversos tipos de vistos emitidos entre 1 de Janeiro de 2000 e 31 de Dezembro de 2008

- Considerando o conjunto de vistos atribuídos a profissionais com ocupações artísticas e culturais entre 1 de Janeiro de 2000 e 31 de Dezembro de 2008, destaca-se a predominância de vistos concedido a artistas (76%), seguido do grupo de jornalistas (13%) (gráfico nº 1).

*Quadro nº 4*  
**Número de vistos para profissionais do sector cultural emitidos entre 2000 e 2008,  
 por continente e profissão**

Origem	Profissões					Total
	Arquitectos	Artesãos	Artistas	Jornalistas	Moda/cosmética	
Europa	169	76	2.316	317	49	2.927
África	145	57	587	372	33	1.194
<i>Países lusófonos</i>	84	21	302	251	19	677
América	18	10	1.467	19	7	1.521
<i>Países lusófonos (Brasil)</i>	2		814	1		817
Ásia	51	21	305	84	8	469
<i>Países lusófonos (Timor Leste)</i>				1		1
Oceânia			23			23
Outros*			2			2
Sem informação			6			6
<i>Total</i>	383	164	4.706	792	97	6.142

Fonte: Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE)

\* British National Overseas e British Overseas Citizen

Notas:

i) As categorias profissionais correspondem a nomenclaturas empregues pelo MNE

ii) O quadro agrega os diversos tipos de vistos emitidos entre 1 de Janeiro de 2000 e 31 de Dezembro de 2008

- O grupo de artistas para os quais foram emitidos vistos de entrada em Portugal entre 2000 e 2008 é composto principalmente por provenientes de países europeus, seguindo-se, por ordem de importância, os artistas oriundos dos continentes americano e africano (quadro nº 4).

Quadro nº 5

## Os 20 países com maior número de vistos emitidos para artistas

País	Número	%
Federação Russa	1.477	31,4
Brasil	814	17,3
Cuba	499	10,6
Ucrânia	258	5,5
Geórgia	240	5,1
Senegal	196	4,2
China	165	3,5
Moldava	126	2,7
Cabo Verde	117	2,5
Roménia	92	2,0
Angola	90	1,9
Colômbia	66	1,4
Cazaquistão	52	1,1
Moçambique	49	1,0
Índia	38	0,8
África do Sul	37	0,8
EUA	33	0,7
São Tomé e Príncipe	26	0,6
Bielorrússia	22	0,5
República Checa	21	0,4
<i>Sub total</i>	4.418	93,9
Outros	286	6,1
<i>Total de vistos</i>	4.706	100,0

Fonte: Ministério dos Negócios Estrangeiros (MNE)

Nota: O quadro agrega os diversos tipos de vistos emitidos entre 1 de Janeiro de 2000 e 31 de Dezembro de 2008

- Ao considerar o país de origem dos artistas a quem foram concedidos vistos entre 2000 e 2008, começa por se destacar o lugar da Federação Russa (31%). No grupo de países imediatamente a seguir, encontram-se: Brasil (17%) e Cuba (10%) (quadro nº 5).

### 1.3. EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ESPECTÁCULOS EM PORTUGAL, 2002-2007

#### Metodologia

Neste capítulo apresenta-se um retrato estatístico da realização de espectáculos em Portugal por origem das produções, com o objectivo de aferir o seu grau de internacionalização. Os dados têm por fonte a Inspeção-Geral das Actividades Culturais (IGAC), à qual compete emitir as licenças de representação<sup>3</sup>. Ou seja, trata-se aqui do retrato dos espectáculos oficialmente licenciados.

Distinguem-se dois tipos de licenciamento consoante o local onde se realizam as sessões de espectáculo: em “Recintos de Espectáculo de Natureza Artística”, licenciados também pela IGAC; noutros espaços – de licenciamento municipal –, principalmente utilizados para apresentação de música ao vivo. O volume de sessões das duas modalidades é aproximado e a soma de ambos situa-se na mesma ordem de grandeza do número de sessões apurado anualmente pelo Inquérito aos Espectáculos ao Vivo do INE, ainda que se trate de fontes muito distintas nos objectivos e metodologia e, por isso mesmo, não comparáveis (Quadro nº1). Na fonte IGAC encontra-se um crescimento de 43% no número de sessões entre 2002 e 2007; os dados do INE, com uma maior cobertura territorial, apresentam um crescimento de 86% no mesmo intervalo.

Para uma análise da origem dos espectáculos, utilizam-se os dados da IGAC, que permitem trabalhar essa variável. A análise foca os dois tipos de licenciamento em separado: o primeiro corresponde ao circuito formal dos recintos de espectáculo (incluindo o caso particular das casas típicas de fado licenciadas pelas IGAC e que representam um contingente apreciável das licenças de representação emitidas); o segundo, entendido como circuito complementar, engloba espectáculos em locais de lazer (restaurantes, bares, discotecas, etc.), palcos efémeros, apresentações do tipo *show-case* e espaços não convencionais ou alternativos aos equipamentos institucionais.

---

<sup>3</sup> Decreto Regulamentar nº 81/2007, de 30 de Julho.



*Quadro nº 1*  
**Fontes de apuramento do número de sessões de espectáculo, 2002-2007**

Ano	Nº de sessões (IGAC)			Nº de sessões (INE)
	Recintos de espectáculo	Outros espaços	Total	
2002	8 797	9 350	18 147	14 803
2003	9 679	11 448	21 127	15 001
2004	9 610	12 043	21 653	23 244
2005	10 463	10 571	21 034	24 352
2006	11 661	12 118	23 779	24 597
2007	12 538	13 349	25 887	27 460

Adverte-se, no entanto, para duas limitações importantes da informação disponível. Em primeiro lugar, a cobertura dos dados: as sessões de espectáculo licenciadas ficam muito aquém das efectivamente realizadas, designadamente por se concentrarem quase em exclusivo nas cidades de Lisboa e Porto. Entre outras implicações, fica inviabilizada uma leitura que levasse em conta a enorme transformação do parque de equipamentos culturais ocorrida ao longo dos últimos anos e no conjunto do território nacional.

A segunda limitação a ter em conta prende-se com a natureza administrativa dos próprios dados e com as variáveis utilizadas. Uma vez que o processo de emissão da licença de representação não comporta qualquer referência à origem geográfica, foi criada uma variável específica a partir de pesquisa sobre promotores e participantes de todos os espectáculos licenciados. Outra variável analisada é o domínio artístico (“Actividade”), embora a classificação atribuída pela IGAC não seja a usual para tratamento estatístico – o que significa, por exemplo, que “Fado” seja uma categoria autónoma, quando a categoria “Música” não desagrega “música popular” e “música erudita”.

CIRCUITO FORMAL DE RECINTOS DE ESPECTÁCULO  
(Sessões de espectáculo em recintos licenciados pela IGAC)

*Quadro nº 2*  
**Licenças e sessões de espectáculo por ano, 2002-2007**  
(percentagem em coluna)

Ano	Licenças	Sessões
2002	1.183	8.797
2003	1.082	9.679
2004	1.203	9.610
2005	1.410	10.463
2006	1.602	11.661
2007	1.551	12.538
Total	8.031	62.748

*Quadro nº 3*  
**Licenças e sessões de espectáculo por actividade, 2002-2007**  
(percentagem em coluna)

Actividade	Licenças		Sessões	
	n	%	n	%
Circo	70	0,9	868	1,4
Dança	611	7,6	1.817	2,9
Fado	564	7,0	16.645	26,5
Música	4.359	54,3	9.443	15,0
Ópera	78	1,0	230	0,4
Outras	136	1,7	346	0,6
Teatro	2.213	27,6	33.399	53,2
Total	8.031	100,0	62.748	100,0

- Sem esquecer que a informação sobre espectáculos realizados em Portugal é deficitária, o quadro nº 2 mostra (como aliás já acontecia com o quadro nº 1) um crescimento gradual, mas sustentado, do sector dos espectáculos em recintos especializados, quer em número de licenças, quer de sessões. Neste último caso em particular, regista-se uma variação positiva de 43% entre 2002 e 2007 (31% para o número de licenças).
- Nesse período, mais de metade das licenças é atribuída a espectáculos de Música (53%) e acima de um quarto a espectáculos de Teatro (28%). A importância relativa das duas actividades inverte-se quando se olha o total de sessões registadas, com o Teatro a recolher mais de metade das representações de espectáculo (53%) e a Música um número de sessões mais reduzido (15%). A diferença é explicada pela organização própria de cada um dos domínios artísticos em causa: os espectáculos de

Música têm em média cerca de 2 sessões, ao passo que o mesmo indicador para Teatro é de 15 sessões.

- O licenciamento de espectáculo de Fado representa um caso particular. Na esmagadora maioria refere-se a licenças mensais de casas típicas de fado, o que explica o seu elevado número e a mais elevada ainda proporção de sessões (27%). Trata-se de um segmento de mercado específico.
- Nota ainda para os espectáculos de Dança, mais pelo número de licenças (8% do total) que pelo volume de representações (3 por espectáculo, em média).

*Quadro nº 4*  
**Licenças e sessões de espectáculo por origem, 2002-2007**  
 (percentagem em coluna)

Origem	Licenças		Sessões	
	n	%	n	%
Portugal	5.058	63,0	55.696	88,8
União Europeia	980	12,2	2.192	3,5
Brasil	307	3,8	990	1,6
Países Lusófonos	91	1,1	357	0,6
Estados Unidos	353	4,4	449	0,7
Europa de Leste	244	3,0	420	0,7
Outras origens	624	7,8	1.200	1,9
Sem informação	374	4,7	1.444	2,3
<b>Total</b>	<b>8.031</b>	<b>100,0</b>	<b>62.748</b>	<b>100,0</b>

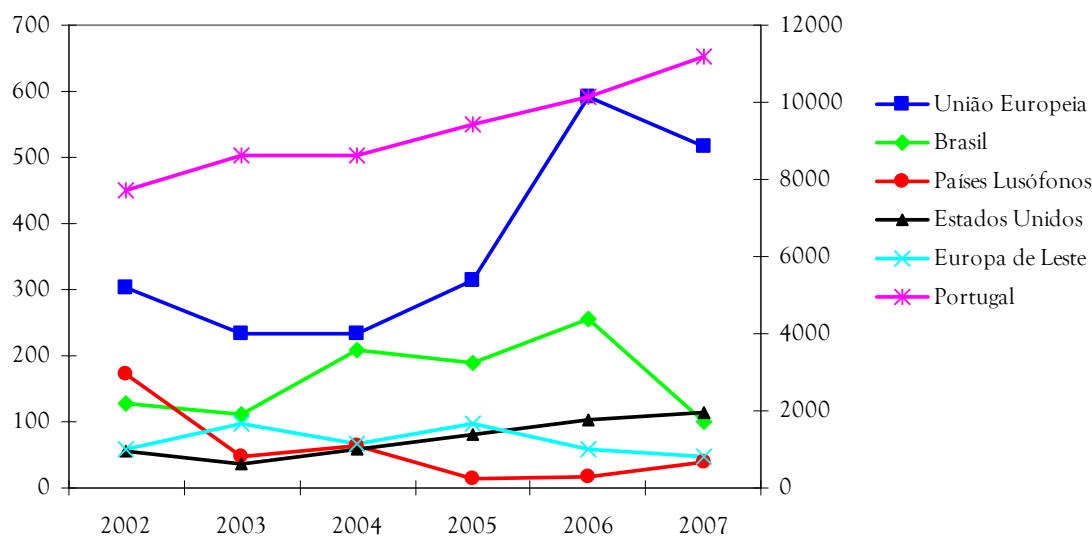
- Como seria de prever, os espectáculos de origem portuguesa são a grande maioria, em especial se considerados na perspectiva do total de sessões (89%).
- Os espectáculos com origem em países da União Europeia correspondem ao maior contingente de produções internacionais, o que é mais visível em termos de número de licenças (12%). O Brasil e os restantes Países Lusófonos somam cerca de 5% das licenças.

*Quadro nº 5*  
**Sessões de espectáculo por actividade e origem, 2002-2007**  
 (percentagem em coluna)

Origem	Actividade						
	Circo	Dança	Fado	Música	Ópera	Outras	Teatro
Portugal	95,2	44,7	100,0	58,0	36,1	86,7	94,5
União Europeia	3,8	26,1	0,0	12,2	26,1	4,3	1,4
Brasil	0,0	1,8	0,0	2,6	0,0	0,0	2,1
Países Lusófonos	0,0	1,0	0,0	1,4	0,0	1,2	0,6
Estados Unidos	0,0	1,2	0,0	4,4	0,0	0,3	0,0
Europa de Leste	0,2	9,2	0,0	1,7	18,7	0,9	0,1
Outras origens	0,6	11,1	0,0	8,1	15,2	4,6	0,5
Sem informação	0,2	4,8	0,0	11,6	3,9	2,0	0,7
<i>Nº de sessões</i>	<i>868</i>	<i>1.817</i>	<i>16.645</i>	<i>9.443</i>	<i>230</i>	<i>346</i>	<i>33.399</i>

- As actividades Ópera e Dança são as que revelam maior grau de internacionalização (as produções internacionais representam, respectivamente, 64% e 55% das sessões). As sessões de Música são já na maior parte de origem portuguesa e, para Teatro, na quase totalidade.
- Ópera e Dança destacam-se também quanto à proporção de espectáculos de origem europeia (União Europeia e Europa de Leste). É presumível que, caso existisse, uma categoria para "música erudita/clássica" apresentasse um perfil semelhante (é, a título de exemplo, o caso dos espectáculos promovidos pela Fundação Gulbenkian).
- A actividade Música, até por corresponder ao maior número de licenças, permite identificar diferentes nichos de acordo com a nacionalidade dos espectáculos. Para além dos portugueses, o maior contingente é proveniente da União Europeia (12% das sessões). Os espectáculos oriundos dos Estados Unidos significam cerca de 4% das sessões – o que é francamente menos do que a sua notoriedade pública faria supor. Brasil e Países Lusófonos somam também cerca de 4% das sessões (em recintos licenciados pela IGAC, já que essa proporção aumenta no circuito de outros espaços de espectáculo, como se verá adiante).

Gráfico nº 1  
 Número de sessões de espectáculo por ano e origem, 2002-2007



Nota: O número de sessões de espectáculos portugueses está representado na escala da direita; os espectáculos de outras origens na da esquerda.

- As sessões de espectáculos portugueses aumentam gradualmente ao longo do período, tal como se verificara para o total de sessões.
- O número de sessões de espectáculos de origem internacional aumenta 38%, mas a sua proporção mantém-se em torno dos 20% do total de espectáculos ao longo do período.
- Entre as restantes origens, destaca-se claramente a União Europeia, não apenas pelo maior volume de sessões, como também pelo seu acentuado crescimento (70% entre 2002 e 2007).
- Também em crescimento encontra-se o volume de sessões de espectáculos de origem americana (duplicando entre os dois anos considerados).
- Irregular parece ser a evolução dos espectáculos de origem brasileira, com o último ano da série a contrariar a tendência de crescimento anterior.
- Os espectáculos de Países Lusófonos estão em recuo no circuito formal ao longo dos últimos anos, ainda que o mesmo não se verifique no circuito complementar (ver adiante).

CIRCUITO COMPLEMENTAR DE OUTROS ESPAÇOS DE ESPECTÁCULO  
 (Sessões de espectáculo em recintos licenciados pelas autarquias)

*Quadro nº 6*  
**Licenças e sessões de espectáculo por ano, 2002-2007**  
 (percentagem em coluna)

Ano	Licenças	Sessões
2002	1.663	9.350
2003	1.821	11.448
2004	2.480	12.043
2005	2.471	10.571
2006	2.994	12.118
2007	3.283	13.349
Total	14.712	68.879

*Quadro nº 7*  
**Licenças e sessões de espectáculo por actividade, 2002-2007**  
 (percentagem em coluna)

Actividade	Licenças		Sessões	
	n	%	n	%
Circo	38	0,3	969	1,4
Dança	102	0,7	417	0,6
Fado	572	3,9	4.493	6,5
Música	13.363	90,8	57.649	83,7
Ópera	11	0,1	41	0,1
Outras	93	0,6	151	0,2
Teatro	533	3,6	5.159	7,5
Total	14.712	100,0	68.879	100,0

- Tal como sucede com o circuito formal de recintos de espectáculo, também os espectáculos realizados noutros espaços aumentam claramente entre os anos analisados, mas neste caso é bem mais acentuado o crescimento em número de licenças (praticamente duplicam). Os espectáculos realizados neste circuito alternativo reportam-se quase exclusivamente à Música, conforme antes se fez notar.

*Quadro nº 8*  
**Licenças e sessões de espectáculo por origem, 2002-2007**  
 (percentagem em coluna)

Origem	Licenças		Sessões	
	n	%	n	%
Portugal	9.869	67,1	44.009	63,9
União Europeia	835	5,7	1.902	2,8
Brasil	629	4,3	5.016	7,3
Países Lusófonos	407	2,8	1.847	2,7
Estados Unidos	343	2,3	476	0,7
Europa de Leste	106	0,7	150	0,2
Outras origens	575	3,9	1.694	2,5
Sem informação	1.948	13,2	13.785	20,0
<b>Total</b>	<b>14.712</b>	<b>100,0</b>	<b>68.879</b>	<b>100,0</b>

- Os espectáculos portugueses valem por cerca de dois terços do número de licenças e do volume de sessões.
- Entre os espectáculos com outras proveniências, destacam-se os da União Europeia em número de licenças e os do Brasil em volume de sessões. Infere-se daqui que os primeiros são itinerâncias de curta duração (2 apresentações por espectáculo em média), enquanto é mais relevante o peso dos artistas residentes em espaços de música ao vivo (8 apresentações por espectáculo em média).
- Os espectáculos com artistas oriundos de Países Lusófonos têm maior peso no circuito complementar que no circuito formal (3%).
- Os espectáculos de origem americana, embora sejam menos em número, têm um perfil semelhante aos europeus de itinerância de curta duração (neste caso, aliás, pouco ultrapassando em média uma sessão por espectáculo).

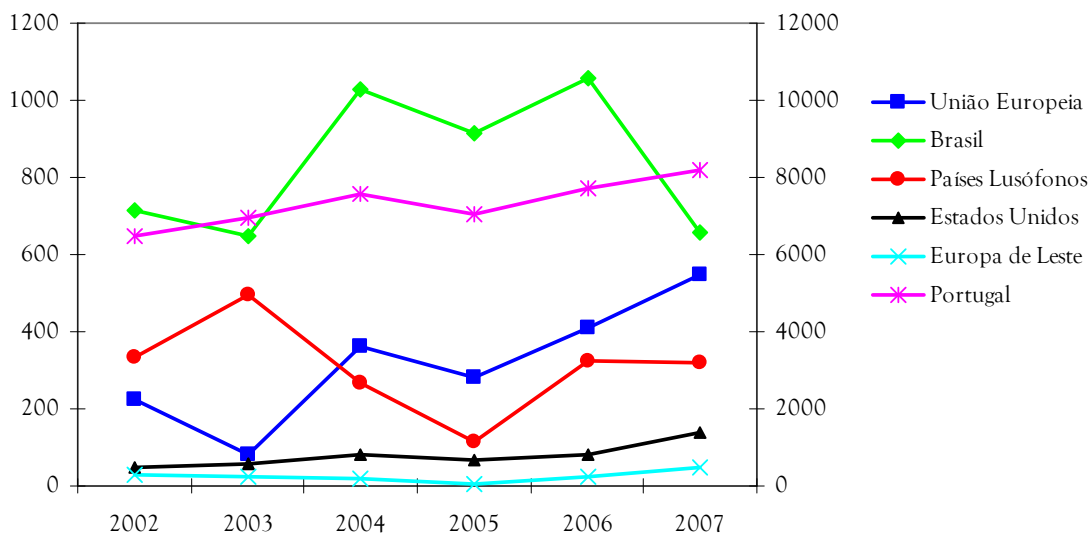


*Quadro nº 9*  
**Sessões de espectáculo por actividade e origem, 2002-2007**  
 (percentagem em coluna)

Origem	Actividade						
	Circo	Dança	Fado	Música	Ópera	Outras	Teatro
Portugal	93,1	42,2	100,0	58,3	39,0	80,8	91,4
União Europeia	4,0	15,1		2,8	9,8	8,6	2,9
Brasil		0,5		8,6		1,3	1,6
Países Lusófonos		2,2		3,1		4,6	0,7
Estados Unidos				0,8		0,7	0,3
Europa de Leste				0,2	31,7		0,4
Outras origens	1,9	38,6		2,4			2,4
Sem informação	1,0	1,4		23,8	19,5	4,0	0,3
<i>Nº de sessões</i>	<i>969</i>	<i>417</i>	<i>4.493</i>	<i>57.649</i>	<i>41</i>	<i>151</i>	<i>5.159</i>

- Centrando a leitura na actividade Música, observa-se uma presença significativa de espectáculos de origem brasileira (para além da portuguesas, evidentemente), ainda que abaixo dos 10%. Referência ainda para os espectáculos de Países Lusófonos e da União Europeia, com valores acima do residual.

Gráfico nº 2  
 Número de sessões de espectáculo por ano e origem, 2002-2007



Nota: O número de sessões de espectáculos portugueses está representado na escala da direita; os espectáculos de outras origens na da esquerda.

- Aumento gradual dos espectáculos portugueses ao longo do período.
- Ao contrário do que se verifica no circuito formal, no circuito de outros espaços de espectáculo o Brasil destaca-se como ponto de origem (ainda que se constate de novo uma quebra em 2007 que vem contrariar a tendência de crescimento anterior).
- Os espectáculos vindos da União Europeia crescem, embora o seu peso relativo seja inferior ao encontrado para o circuito formal.
- Os espectáculos de Países Lusófonos diminuem nos últimos anos do período, mas denotam um peso relativo maior que o verificado no circuito formal.

## 2. INQUÉRITO À MOBILIDADE DE ARTISTAS

### Metodologia

Peça fundamental na estratégia metodológica, foi lançado um inquérito electrónico com o objectivo de averiguar a experiência de mobilidade de agentes e instituições culturais portuguesas. Dado o prazo de realização do estudo, optou-se por privilegiar o domínio das artes do espectáculo e o carácter institucional das práticas de internacionalização. O inquérito foi, portanto dirigido a entidades culturais e focado sobre a actividade destas e não sobre os percursos de artistas individuais (para os quais não existe disponível uma base exaustiva de contactos, nem esta seria facilmente exequível).

O questionário (em anexo) é composto de diversos módulos temáticos, respeitantes à caracterização institucional, descrição das actividades desenvolvidas e balanço da experiência de internacionalização. Foram recolhidas apenas as respostas de entidades com actividade realizada nos últimos 3 anos (ainda que algumas questões versassem eventual experiência anterior).

Na fase de operacionalização constitui-se uma base de contactos para expedição do questionário, compilada a partir de diferentes fontes: estudos anteriores do Observatório das Actividades Culturais (designadamente do Inquérito às Entidades Culturais, de 2006); ficheiro do Instituto Nacional de Estatística relativo às empresas registadas nos sectores de actividade relevantes; ficheiro de promotores e recintos de espectáculos licenciados pela Inspeção-Geral das Actividades Culturais; directório *Pisa-Papéis 2009*. Resultou da agregação destas fontes um conjunto de 1577 registos, dos quais se consideraram relevantes 552 como destinatários.

O envio do questionário foi feito através de endereço electrónico, precedido de telefonema a confirmar os dados de contacto e identificar interlocutor. A aplicação decorreu, numa primeira fase, entre 17 de Julho e 7 de Setembro, e numa segunda fase entre 1 de Outubro e 6 de Novembro, por forma a completar as respostas que haviam ficado incompletas, em particular de instituições de referência. Obtiveram-se no final 334 respostas válidas (ver em anexo listagem das entidades que responderam ao inquérito).

O conjunto de respostas obtidas deve ser lido em articulação com a análise feita a partir das outras fontes de informação apresentadas no Relatório.

## 2.1. CARACTERIZAÇÃO DA ACTIVIDADE

Quadro nº 1

Estruturas, por domínio predominante, perfil, ano de início de actividade e funções

Variáveis	Todas as entidades	Entidades com internacionalização nos últimos 3 anos
<b>Domínio predominante</b>		
Teatro	108	71
Dança	24	20
Música	119	97
Transdisciplinar	17	13
Sem domínio predominante	66	55
<i>Total</i>	334	256
<b>Perfil*</b>		
Promotores	104	85
Estruturas de criação	154	109
Equipamento municipal	54	44
Recinto	22	18
<i>Total</i>	334	256
<b>Ano de início de actividade</b>		
Até 1990	70	59
Entre 1990 e 2000	129	97
Depois de 2000	122	90
Nr	13	10
<i>Total</i>	334	256
<b>Funções**</b>		
Criação	207	153
Produção	259	199
Programação	205	167
Agenciamento	86	68
<i>Total</i>	334	256

\* Categorias: Promotores – agentes que se distinguem por ter actividades de mediação (produção, agenciamento); Estruturas de criação – agentes cuja actividade principal assenta na criação (companhias de teatro, dança, orquestras e outras formações musicais); Equipamento municipal – teatros, cine-teatros e centros culturais municipais; Recintos – outros espaços (auditórios integrados em entidades culturais vocacionadas ou com valências de programação).

\*\* Pergunta de resposta múltipla.

- O inquérito reúne respostas de 334 entidades, das quais 256 (77%) assinalam ter tido alguma actividade internacional nos últimos três anos.
- Considerando o conjunto das 334 estruturas respondentes (quadro nº1), verifica-se um maior número de entidades cujo domínio predominante de

actividade é Música (119) e Teatro (108), sendo minoritárias as que centram o seu trabalho na Dança (24) e na expressão Transdisciplinar (17).

- Tomando como referência o conjunto das 256 entidades que afirmaram ter tido experiência de internacionalização nos últimos três anos, verifica-se que a caracterização anterior, para a totalidade dos respondentes, aplica-se nos traços principais. Em termos de domínio artístico, Teatro é aquele em que a experiência internacional é proporcionalmente mais reduzida.
- Tendo em conta a longevidade das entidades com experiência de internacionalização, verifica-se, de modo geral, o lugar mais pronunciado (97) daquelas estruturas cuja actividade foi iniciada na década de 90, se bem que o grupo das que foram criadas nos últimos anos seja também importante (90). Quanto à relação entre o perfil e domínio predominante, repare-se que enquanto os Promotores se situam maioritariamente na 'Música', as Estruturas de Criação inscrevem-se principalmente no domínio 'Teatro'.

## 2.2. RECURSOS HUMANOS

Quadro nº 2

Total de profissionais com estatuto Permanente e Temporário que integraram as estruturas respondentes em 2008

Estatuto	Profissionais ao serviço em 2008		
	Número de profissionais	Número de estruturas	Média de profissionais por estrutura
Permanente	2.512	162	15,5
Temporário	5.121	128	40,0
<i>Total</i>	7.633	145	52,6

- Considerando a dicotomia Permanente/Temporário para caracterizar o estatuto dos profissionais em 2008, verifica-se, corroborando alguns estudos sobre o trabalho e o emprego no sector, um mais elevado número de colaboradores com vínculos de trabalho temporários, desenvolvendo actividades associadas a projectos com prazos delimitados.
- De acordo com o quadro nº 2 mais de metade dos colaboradores assinalados pelas entidades respondentes tem o estatuto de Temporário. A média mais do que duplica para o número de colaboradores com vínculos precários (40,0), quando comparada com a dos colaboradores Permanentes (15,5).

Quadro nº 3

Total de profissionais Permanentes e Temporários que integraram a estrutura em 2008  
(percentagem em coluna)

Variáveis	Profissionais em 2008					
	Permanentes		Temporários		Total	
Perfil	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Promotores	601	23,9	2011	39,3	2612	34,2
Estruturas de criação	920	36,6	1143	22,3	2063	27,0
Equipamento municipal	347	13,8	1955	38,2	2302	30,2
Recinto	644	25,6	12	0,2	656	8,6
<i>Total</i>	2512	100,0	5121	100,0	7633	100,0
<b>Ano início da actividade</b>						
Até1990	1193	47,5	591	11,5	1784	23,4
Entre 1990 e 2000	700	27,9	893	17,4	1593	20,9
Depois de 2000	578	23,0	3606	70,4	4184	54,8
Ns/nr	41	1,6	31	0,6	72	0,9
<i>Total</i>	2512	100,0	5121	100,0	7633	100,0
<b>Domínio artístico*</b>						
Teatro	652	26,0	766	15,0	1418	18,6
Dança	253	10,1	272	5,3	525	6,9
Música	1060	42,2	1468	28,7	2528	33,1
Transdisciplinar	51	2,0	731	14,3	782	10,2
S/ domínio predominante	496	19,7	1884	36,8	2380	31,2
<i>Total</i>	2512	100,0	5121	100,0	7633	100,0

- Considerando o Perfil (quadro nº 3), repare-se que as estruturas enquadradas nas categorias Promotores e Equipamento municipal estão sobrerrepresentadas no grupo dos colaboradores Temporários (39% e 38%). Nestes casos, a média de trabalhadores com vínculos precários por estrutura é mais elevada do que nas restantes categorias. As Estruturas de criação e especialmente os Recintos são os que evidenciam percentagens mais elevadas de trabalhadores Permanentes (37%) – o que remete para uma importante presença, entre as estruturas que responderam, de elencos profissionais fixos.
- Sobressai também a maior representação de trabalhadores Temporários em estruturas criadas há menos de 10 anos (70%). Para este cenário contribuem certamente novas formas de organização do trabalho. Veja-se que para as estruturas mais jovens, a média de colaboradores Temporários é quase seis vezes superior à média dos Permanentes.
- É sobretudo em estruturas Sem domínio artístico predominante e na Música que mais se evidencia o recrutamento de trabalhadores Temporários, contrastando com o maior peso dos Permanentes – sobrerrepresentados também na categoria Música e no Teatro (42% e 26%).

Quadro nº 4

**Total de profissionais Permanentes e Temporários que integraram a estrutura em 2008, por nacionalidade**

n = 162 (Permanentes); n = 128 (Temporários)

Nacionalidades	Profissionais					
	Permanentes		Temporários		Total	
	n	%	n	%	n	%
Portugal	2041	81,3	3785	73,9	5826	76,3
<b>TOTAL EUROPA (excluindo Portugal)</b>	229	9,1	612	12,0	841	11,0
Espanha	12	5,2	241	39,4	253	30,1
França	33	14,4	85	13,9	118	14,0
Alemanha	17	7,4	21	3,4	38	4,5
Reino Unido	26	11,4	73	11,9	99	11,8
Outros países europeus	141	61,6	192	31,4	333	39,6
<b>TOTAL PAÍSES LUSÓFONOS</b>	22	0,9	118	2,3	140	1,8
Cabo Verde	2	9,1	10	8,5	12	8,6
Angola	2	9,1	9	7,6	11	7,9
Moçambique	1	4,5	15	12,7	16	11,4
Brasil	16	72,7	80	67,8	96	68,6
Outros países lusófonos	0	0,0	4	3,4	4	2,9
Nacionalidade não discriminada	1	4,5	0	0,0	1	0,7
<b>TOTAL OUTROS PAÍSES</b>	63	2,5	240	4,7	303	4,0
Estados Unidos da América	30	47,6	129	53,8	159	52,5
Outros países	33	52,4	111	46,3	144	47,5
Nacionalidades não discriminadas	157	6,3	366	7,1	523	6,9
<i>Total</i>	2512	100,0	5121	100,0	7633	100,0

- O conjunto de colaboradores de origem portuguesa sobressai na composição da nacionalidade, rondando os 80% tanto no grupo de trabalhadores com vínculos Permanentes, como no grupo dos Temporários. Saliente-se, contudo, a sobrerrepresentação dos portugueses no conjunto dos que evidenciam ter relações de trabalho mais consolidadas.
- A repartição dos colaboradores tendo em conta a nacionalidade destaca os europeus, mesmo excluindo a parcela de portugueses (em larga maioria, como mostra o quadro nº 4). Com efeito, e tendo em conta o total de colaboradores permanentes e temporários, veja-se o maior volume de profissionais de nacionalidades pertencentes à categoria Outros países europeus, seguida de Espanha. Coloca-se a hipótese de serem maioritariamente músicos oriundos da Europa de leste integrados em orquestras nacionais, sobretudo com contratos temporários. Aliás, o quadro nº 5, mais adiante, reforça esta hipótese, correlacionando o conjunto de colaboradores temporários com os agentes com actividade no domínio da música.



- Curiosamente, não são os países com afinidades linguísticas com Portugal que mais contribuem para a dinamização de relações de trabalho – o total de colaboradores com origem em países lusófonos é menos expressivo (140), destacando-se ainda assim neste conjunto os de origem brasileira (96).
- Note-se a importância que, comparativamente com os anteriormente mencionados, parecem assumir os colaboradores oriundos de países fora das esferas europeia e da lusofonia.
- Observe-se também no grupo dos europeus, o maior contingente de colaboradores estrangeiros com origem em países geograficamente próximos de Portugal – Espanha e França, com totais de 253 e 118, respectivamente.

Quadro nº 5  
 Número de profissionais com vínculo Temporário durante 2008, por domínio artístico e nacionalidade.  
 n = 256

Nacionalidades	Domínio artístico					Total
	Teatro	Dança	Música	Transdis.	S/domínio predominante	
<i>PORTUGAL</i>	594	164	951	560	1516	3785
Espanha	21	17	72	53	78	241
França	8	4	26	43	4	85
Alemanha	0	5	10	3	3	21
Reino Unido	2	1	35	21	14	73
Outros países europeus	14	9	43	21	105	192
Cabo Verde	2	1	4	0	3	10
Angola	6	0	2	0	1	9
Moçambique	3	0	3	0	9	15
Brasil	11	2	13	0	54	80
Outros países lusófonos	0	0	0	0	4	4
Estados Unidos da América	1	9	90	0	29	129
Outros países do mundo	4	0	17	30	60	111

- A ventilação do grupo de trabalhadores Temporários pela nacionalidade destaca o mais elevado número de colaboradores portugueses com este estatuto em estruturas Sem domínio predominante.
- Quando se afere a nacionalidade do conjunto de estrangeiros a trabalhar temporariamente em estruturas artísticas nacionais, verifica-se que a composição do leque de nacionalidades dos trabalhadores não se diferencia significativamente em função da área artística. Refira-se, porém, que as estruturas Sem domínio predominante e as especialmente dedicadas à Música tendem a acolher uma maior diversidade e quantidade de trabalhadores no que respeita à nacionalidade.
- Note-se o elevado número de profissionais oriundos dos Estados Unidos da América, de Espanha e de Outros países europeus na área da Música. Em relação aos originários de outras latitudes europeias, veja-se a sua predominância em estruturas polivalentes (Sem domínio predominante). De uma forma geral, a música assim como os grandes equipamentos com oferta artística diversificada parecem ser os domínios artísticos com maior abrangência no que respeita ao acolhimento de profissionais para trabalhar no sector cultural.

### 2.3. RECURSOS FINANCEIROS

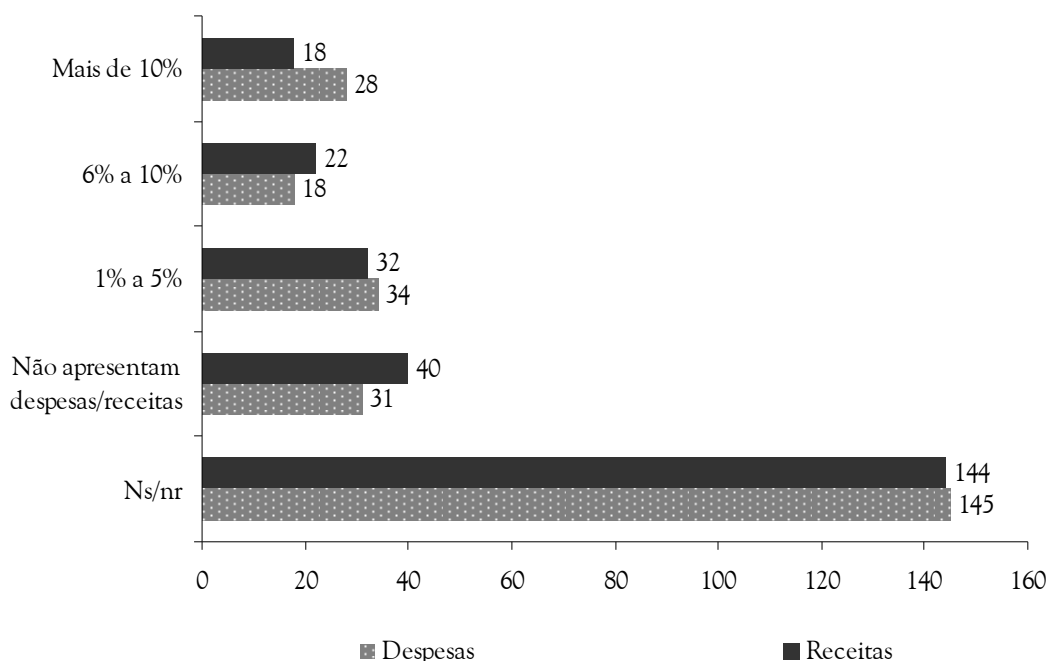
Quadro nº 6  
Intervalos do Orçamento das estruturas respondentes

Orçamento	Nº	%
Até 20.000 euros	33	12,9
Entre 20.0000 e 50.000 euros	14	5,5
Entre 50.000 e 100.000 euros	31	12,1
Entre 100.000 e 500.000 euros	53	20,7
Mais de 500.000 euros	37	14,5
Ns/nr	88	34,4
<i>Total</i>	256	100,0

- Uma fatia significativa das estruturas respondentes assinalou orçamentos superiores a 100 mil euros para 2008 (36%), sobressaindo neste conjunto 15% que referiu mais de 500 mil euros (quadro nº 6).
- Note-se, paralelamente, um grupo significativo de estruturas que não atingiu 100 e mesmo 20 mil euros anuais, apontando assim para a presença de conjuntos com menores recursos económicos na dinamização da actividade artística.

Gráfico nº 1

Percentagem das Despesas e das Receitas realizadas em 2008 com actividades de internacionalização  
n = 256



Quadro nº 7

Média das Percentagens de Despesa e de Receita realizadas em 2008 com actividades de internacionalização, por Domínio artístico e Perfil

Domínios artísticos	N	Despesa Média	Receita Média
Teatro	71	2,77	3,01
Dança	20	5,00	1,05
Música	97	6,01	3,39
Transdisciplinar	13	3,54	7,00
S/ Domínio predominante	55	4,65	4,07
<b>Perfil</b>			
Promotor	85	23,0	17,0
Estruturas de criação	109	7,2	6,8
Equipamento municipal	44	7,8	4,1
Recinto	18	3,4	2,0
<i>Total</i>	256	4,62	3,43

- Os resultados obtidos com o inquérito apontam, globalmente, para um número reduzido de práticas que visam a internacionalização da actividade artística das entidades nacionais. A percentagem de despesas nesta rubrica corrobora a tendência revelada noutros pontos da análise. De acordo com o gráfico nº 1, 145 dos respondentes não responde à percentagem da despesa relativa às actividades de internacionalização. Além do baixo contingente de respostas a esta questão, veja-se

também o número significativo dos que afirmam não ter quaisquer despesas ou receitas com as actividades de internacionalização. A ausência de despesas das actividades neste campo indicia bem o difícil intercâmbio entre estruturas nacionais e estrangeiras.

- É na Música que se encontram as entidades que, em média, atribuem maior percentagem do investimento às actividades de internacionalização, não ultrapassando, no entanto, os 6% do seu orçamento. O Teatro regista, por seu lado, a média mais baixa de despesa efectuada com actividades de internacionalização.
- Se se considerar o indicador oposto – a percentagem de receitas provenientes das actividades de internacionalização – o número de estruturas que regista não ter quaisquer receitas com origem naquelas práticas, aumenta (gráfico nº1). Apenas 72 das 256 entidades com actividade internacional (e das 334 que responderam ao inquérito) assinalam obter daí receitas. Repare-se ainda, que mesmo para estas, a percentagem de receitas oriundas da internacionalização não chega, em média, a 4%.
- As estruturas prioritariamente inscritas no domínio da Dança e do Teatro são as que, em média, menor percentagem de receitas geram com as práticas de internacionalização. As estruturas transdisciplinares e polivalentes (Sem domínio predominante) são, pelo contrário, as que parecem retirar maiores benefícios. Note-se que as estruturas inscritas nas categorias Transdisciplinar e principalmente Teatro são as únicas cuja receita média em actividades de internacionalização é superior à despesa média efectuada.
- As despesas e receitas de internacionalização são, em termos médios, claramente mais avultadas para as estruturas inscritas nos Promotores de espectáculos.

Quadro nº 8

Entidades que apoiaram as actividades de internacionalização das estruturas respondentes,  
nos últimos três anos

n = 74

Entidades	Nº	%
Ministério da Cultura	42	56,8
Outros organismos da Administração Central	13	17,6
Autarquias	31	41,9
Outros países (por exemplo, através de embaixadas)	17	23,0
Programas comunitários	13	17,6
Fundações	15	20,3
Entidades do sector privado/mecenato	22	29,7
Outros apoios	11	14,9

- Do conjunto de 256 entidades que registam ter tido experiência de internacionalização nos últimos três anos, 74 (29%) assinala ter beneficiado de apoio financeiro para esse efeito específico (quadro nº 8).
- Embora o número de respostas obtidas não permita sustentar com segurança uma tendência, refira-se, no entanto, que os apoios são maioritariamente provenientes da administração pública, destacando-se, em primeiro lugar, o Ministério da Cultura e as Autarquias. As Entidades do sector privado/mecenato, os apoios provenientes de Outros países (embaixadas) e as Fundações são também das entidades mais referidas no recurso a apoios.
- Refira-se ainda assim, o conjunto de apoios que visa uma prática pró-activa na categoria que assinala ‘Outros apoios’ – no sentido do estímulo à participação em programas ou projectos internacionais que implicam o estabelecimento de parcerias, fomento de contactos, circulação pelo exterior.

## 2.4. CIRCUITOS INTERNACIONAIS

Gráfico nº 2

Número de entidades que realizaram Vendas e Compras de espectáculos em Portugal e/ou no estrangeiro, por Ano

n = 256

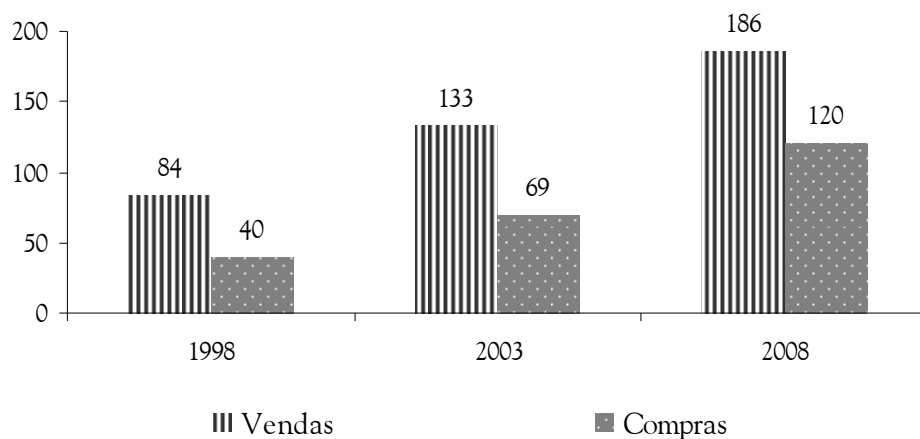
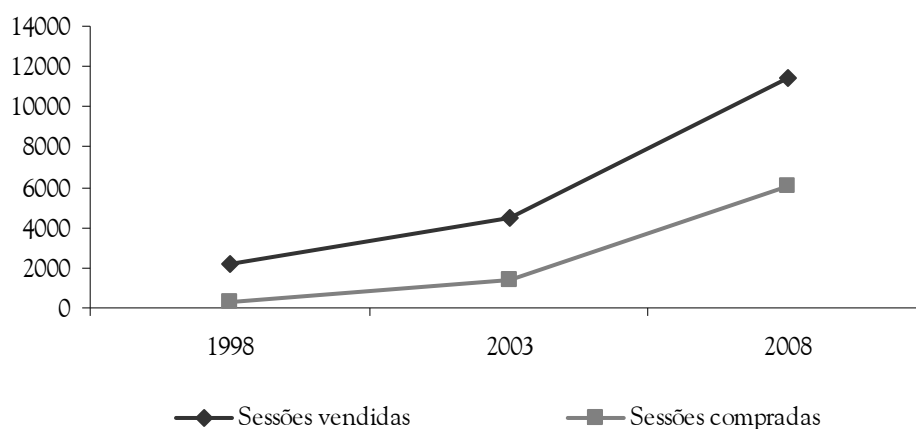


Gráfico nº 3

Volume de Vendas e Compras de espectáculos em Portugal e/ou no estrangeiro, por Ano

n = 256



Quadro nº 9

Volume de Sessões vendidas e compradas em Portugal e no estrangeiro, por Ano

Ano	Sessões vendidas	n	Média	Sessões compradas	n	Média
1998	2.227	217	10,3	346	98	3,5
2003	4.509	204	22,1	1.416	29	48,8
2008	11.460	203	56,5	6.029	124	48,6

- Tanto o número de entidades artísticas que realizaram venda de espetáculos em Portugal e no estrangeiro, como o número de entidades que assinala ter realizado compras, mais do que duplicam na última década. Embora este indicador deva ser lido com alguma reserva, em face da menor informação disponível para os anos mais afastados, é clara uma tendência de crescimento.
- Considerando ainda a mesma reserva sobre informação retrospectiva disponível, observa-se paralelamente um crescimento muito expressivo do *volume de vendas e compras* de sessões de espetáculos registados entre 1998 e 2008. O número de sessões vendidas é quase seis vezes superior em 2008 comparativamente com o mesmo indicador dez anos antes. Embora em menor proporção, as compras também registam um aumento expressivo.
- A média de sessões vendidas e compradas por entidade cresce igualmente de forma significativa. Note-se que a média de sessões compradas pouco oscila nos dois últimos anos, mas a média de sessões vendidas aumenta mais de duas vezes.
- É no último ano que a diferença entre a média de sessões vendidas e a média de sessões compradas por entidade artística é menos acentuada.



Quadro nº 10

**Total de Produções e Apresentações vendidas em Portugal e no estrangeiro, por Ano**

n = 257

	1998		2003		2008	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Total de produções vendidas</b>	<b>311</b>	<b>100,0</b>	<b>614</b>	<b>100,0</b>	<b>1.761</b>	<b>100,0</b>
<i>Número de produções em Portugal</i>	291	93,6	579	94,3	1.617	91,8
<i>Número de produções no estrangeiro</i>	20	6,4	35	5,7	144	8,2
<b>Total de apresentações/sessões vendidas</b>	<b>2.167</b>	<b>100,0</b>	<b>4.509</b>	<b>100,0</b>	<b>11.208</b>	<b>100,0</b>
<i>Número de apresentações/sessões em Portugal</i>	2.080	96,0	4.293	95,2	10.471	93,4
<i>Número de apresentações/sessões no estrangeiro</i>	87	4,0	216	4,8	737	6,6

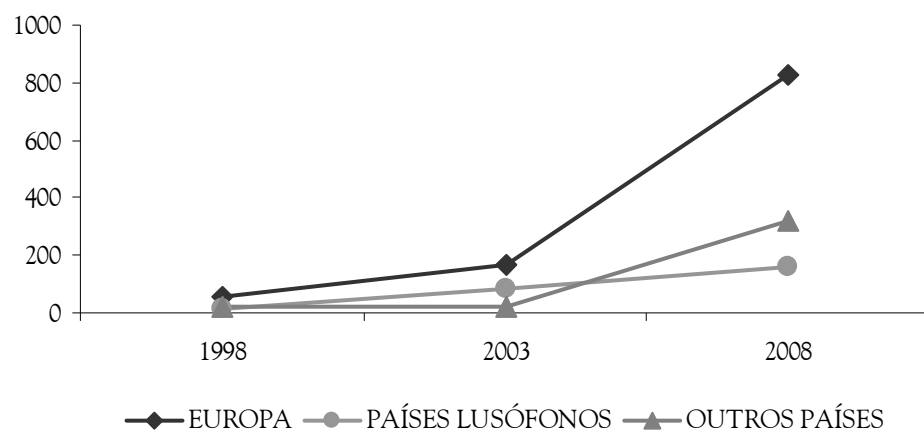
- Considerando agora o destino geográfico dos espectáculos vendidos, verifica-se que o principal destino das produções portuguesas é claramente o mercado nacional.
- Embora crescendo em termos absolutos, o volume de vendas de espectáculos no exterior não alcança nunca os 10% do total realizado, cifrando-se o valor máximo em 2008 (8% para o número de produções e 7% para o número de espectáculos apresentados) – o que representa apesar de tudo um patamar superior por comparação com a percentagem de despesa e receita associadas à internacionalização (abaixo do 5% em ambos os casos, conforme atrás assinalado no quadro nº 7).

Quadro nº 12  
**Total de Sessões Vendidas no Estrangeiro, em 2008**  
n = 257

Países	SESSÕES	
	Nº	%
<b>TOTAL EUROPA</b>	<b>555</b>	<b>75,5</b>
Espanha	282	50,8
França	112	20,2
Alemanha	40	7,2
Reino Unido	16	2,9
Outros países europeus	105	18,9
<b>TOTAL PAÍSES LUSÓFONOS</b>	<b>134</b>	<b>18,2</b>
Cabo Verde	5	3,7
Angola	9	6,7
Moçambique	9	6,7
Brasil	109	81,3
Outros países lusófonos	2	1,5
<b>TOTAL OUTROS PAÍSES</b>	<b>46</b>	<b>6,3</b>
Estados Unidos da América	8	17,4
Outros países	38	82,6
<i>Total</i>	<b>735</b>	<b>100,0</b>

- As sessões vendidas no estrangeiro têm como principal destino a Europa (76%) e, particularmente Espanha, representando mais de 50% das vendas para este Continente em 2008 (quadro nº 11). Num segundo plano, as sessões vendidas para o Brasil representam mais de 80% no total de vendas para Países Lusófonos.

Gráfico nº 4  
 Volume de Compras de espectáculos estrangeiros, por ano  
 n = 257



Quadro nº 12  
 Sessões de espectáculos estrangeiros compradas, por País e Ano

Países	1998 N = 98		2003 N = 93		2008 N = 124	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Total de Sessões de Espectáculos Compradas</b>	<b>346</b>	<b>100</b>	<b>1416</b>	<b>100</b>	<b>6029</b>	<b>100</b>
<b>TOTAL EUROPA</b>	<b>268</b>	<b>77,5</b>	<b>976</b>	<b>68,9</b>	<b>5083</b>	<b>84,3</b>
Portugal	213	79,5	810	83,0	4259	83,8
Espanha	30	11,2	42	4,3	260	5,1
França	12	4,5	22	2,3	122	2,4
Alemanha	0	0,0	31	3,2	76	1,5
Reino Unido	1	0,4	7	0,7	99	1,9
Outros países europeus	12	4,5	64	6,6	267	5,3
<b>TOTAL PAÍSES LUSÓFONOS</b>	<b>12</b>	<b>3,5</b>	<b>84</b>	<b>5,9</b>	<b>163</b>	<b>2,7</b>
Cabo Verde	1	8,3	1	1,2	23	14,1
Angola	3	25,0	15	17,9	14	8,6
Moçambique	0	0,0	1	1,2	11	6,7
Brasil	5	41,7	57	67,9	113	69,3
Outros países lusófonos	3	25	10	11,9	2	1,2
<b>TOTAL OUTROS PAÍSES</b>	<b>18</b>	<b>5,2</b>	<b>20</b>	<b>1,4</b>	<b>320</b>	<b>5,3</b>
Estados Unidos da América	13	72,2	8	40,0	150	46,9
Outros países	5	27,8	12	60,0	170	53,1
Espectáculos co-produzidos com países europeus	1	0,3	3	0,2	31	0,5
Espectáculos co-produzidos com outros países	0	0,0	0	0,0	5	0,1

- Em primeiro lugar, é de registar nas respostas recolhidas a desproporção entre espectáculos vendidos e comprados no estrangeiro – respectivamente 737 e 1770 em

2008, significando 2,4 espectáculos comprados em circuitos internacionais para cada um vendido.

- Na última década, os espectáculos de origem estrangeira representam cerca de um quinto dos espectáculos comprados.
- Regista-se um aumento muito expressivo do número de sessões de espectáculos compradas nos últimos cinco anos, sobretudo compras com origem no mercado europeu (gráfico nº 4).
- O mercado nacional é o principal fornecedor de sessões de espectáculos das estruturas inquiridas, evidenciando-se uma tendência para o reforço desta preferência face ao peso das compras nacionais no total de compras realizadas em 2008.
- No leque de compras de sessões de espectáculos estrangeiros, o espaço europeu é o principal espaço de compra de espectáculos, com destaque para Espanha.
- O Brasil é o país que mais fornece espectáculos a Portugal no conjunto dos países lusófonos – abrange quase 70% deste mercado em 2008. Cabo Verde e Angola sucedem-lhe na preferência das estruturas inquiridas para a compra de espectáculos.
- Com excepção de Espanha, o maior número de espectáculos comprados tem origem nos Estados Unidos.

Quadro nº 13  
Sessões compradas, por Perfil e Domínio artístico  
(números absolutos e percentagem em coluna)

Perfil	1998		2003		2008	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Promotores	65	18,8	904	63,8	2175	36,1
Estruturas de criação	222	64,2	255	18,0	757	12,6
Equipamento municipal	59	17,1	253	17,9	2456	40,7
Recinto	0	0,0	4	0,3	641	10,6
<b>Domínio</b>						
Teatro	170	49,1	223	15,7	783	13,0
Dança	11	3,2	8	0,6	341	5,7
Música	86	24,9	856	60,5	2478	41,1
Transdisciplinar	0	0,0	23	1,6	180	3,0
S/ domínio predominante	79	22,8	306	21,6	2247	37,3
<i>Total</i>	346	100,0	1416	100,0	6029	100,0

- Assinale-se uma alteração no tipo de compradores com maior volume de compras ao longo da década analisada. Se em 1998 as estruturas de criação sobressaem, em 2003 o relevo recai no conjunto de estruturas cuja principal função é a Promoção de espectáculos, e em 2008 é a vez dos equipamentos municipais ganharem relevo como os principais angariadores do total de compras realizadas. Estas mudanças estão certamente ligadas a alterações significativas do sector cultural e artístico português. Refira-se, por um lado, a maior especialização de funções, associadas a novas profissões no sector, (como, por exemplo, as de mediador cultural) e, por outro lado, a criação ou requalificação de muitos recintos culturais. Estes últimos, ganham relevo nos últimos anos, em alguns casos como apostas fortes de muitos municípios para o desenvolvimento económico e social das regiões.
- O mercado da música ganha tendencialmente mais relevo, tal como observado no conjunto de vendas de espectáculos. Se em 1998 o Teatro consumia perto de metade do total de compras realizadas, em 2003 a Música destaca-se, assim como no último ano analisado. Note-se também a significativa representação das sessões compradas por estruturas Sem *domínio predominante*, tratando-se, porventura de equipamentos culturais preparados para o acolhimento de diferentes tipos de espectáculos.

## 2.5. PARTICIPAÇÃO/PROMOÇÃO DE INICIATIVAS INTERNACIONAIS

*Quadro nº 14*  
Co-produções, programas europeus, residências artísticas e bolsas/estágios em 2008

Indicadores	Número
• Nº de agentes envolvidos em co-produções com outros países	52
• Nº de agentes que participaram em programas europeus de apoio à internacionalização	27
• Nº de agentes que organizaram residências artísticas	61
• Nº de agentes que acolheram bolseiros/estagiários	69
• Nº de agentes que atribuíram bolsas/estágios para outros países	1

- É muito reduzida a articulação das estruturas inquiridas com agentes de outros países – é a principal conclusão retirada da análise das respostas a um conjunto de questões sobre a prática de modalidades de cooperação internacional em 2008 (quadro nº 14).

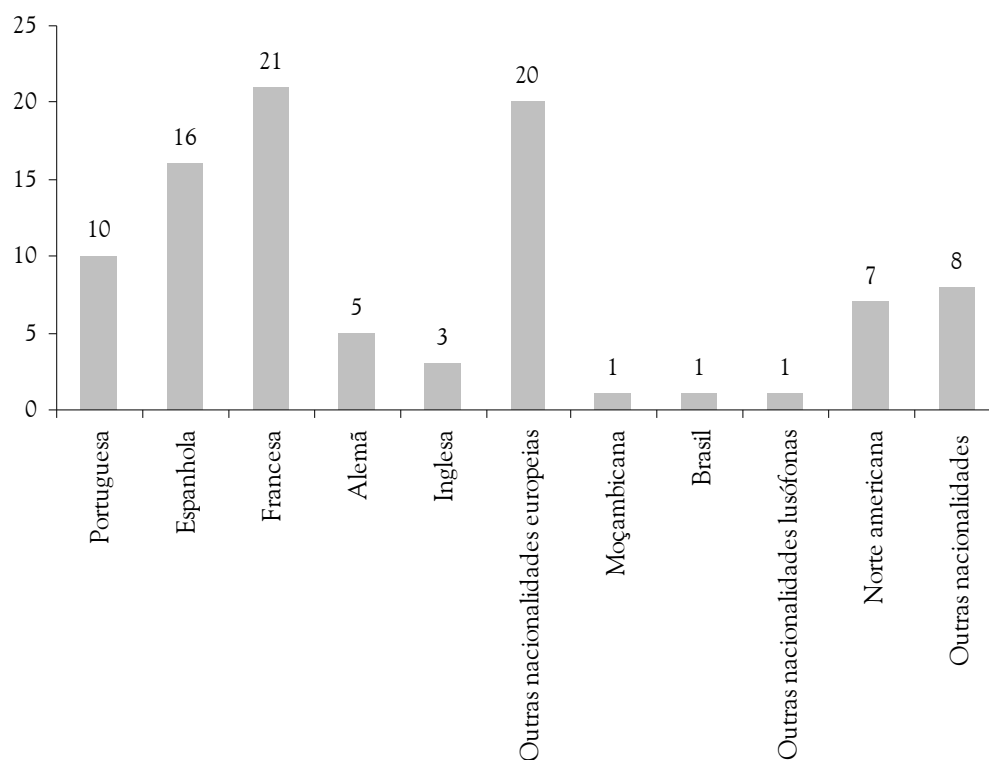
- Repare-se, desde logo, no ínfimo número de agentes portugueses que participaram em programas europeus de apoio à internacionalização, perpetuando-se, assim, a ténue adesão de entidades culturais portuguesas a este tipo de programas (Lourenço, 2003).

A situação ganha alguns contornos de maior dinamismo quando se considera: o envolvimento em co-produções com outros países (52 entidades assinalam esta prática); a organização de residências artísticas (61) e o acolhimento de bolseiros/estagiários (contudo, para as 69 estruturas que referem esta actividade, a esmagadora maioria dos acolhidos é de nacionalidade portuguesa (141), contando-se apenas 24 estrangeiros).

Veja-se ainda que apenas uma das entidades concedeu bolsas/estágios para outros países.

Gráfico nº 5

Nacionalidades dos 5 principais parceiros de co-produções internacionais realizadas em 2008



Quadro nº 15

Fontes de financiamento das co-produções internacionais realizadas em 2008  
(n = 41)

Fontes de financiamento	Número
Financiamento dos co-produtores envolvidos	28
Financiamento próprio	22
Financiamentos públicos nacionais	16
Financiamentos públicos de outros países	10
Financiamentos provenientes de Programas europeus	4
Financiamentos ao abrigo de protocolos de cooperação internacional	1
Financiamentos resultantes de investimentos privados/mecenato	5
Outros financiamentos	3

Nota: Pergunta de resposta múltipla.

- Ao analisar o leque de nacionalidades dos cinco principais parceiros de co-produções internacionais realizadas em 2008, ressalta a predominância de entidades francesas, seguidas de estruturas de ‘outras nacionalidades europeias’, espanholas e portuguesas (gráfico nº 5). O circuito europeu, com acento no Ocidente, prevalece, pois, como horizonte privilegiado de cooperação internacional – destacando-se no panorama de agentes nomeados alguns teatros, embaixadas e eventos.

Relativamente às fontes do financiamento das co-produções internacionais, destaca-se a importância do financiamento dos co-produtores envolvidos (28) e o financiamento próprio das entidades (22) (quadro nº15). Menor é o número das entidades que mencionam ter tido apoios públicos, nacionais (16) e de outros países (10).



## 2.6. OPINIÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

### BALANÇO DA EXPERIÊNCIA DE INTERNACIONALIZAÇÃO

*Quadro nº 16*  
**Opiniões sobre a experiência de internacionalização**  
 (n = 160)

Opiniões	Número
A internacionalização é um aspecto fundamental da actividade em termos de afectação de recursos (receitas, pessoas, tempo)	46
A internacionalização seguiu-se naturalmente à implantação no mercado nacional	36
A internacionalização tem funcionado como via alternativa às limitações encontradas no mercado nacional	46
A conjugação da actividade nacional e internacional é muito variável de acordo com os anos	50
A actividade internacional é esporádica	69

Nota: Pergunta de resposta múltipla

*Quadro nº 17*  
**Opiniões sobre a experiência de internacionalização, por domínio predominante**

Opiniões	Teatro (77)	Dança (20)	Música (97)	Transdisciplinar (13)	Sem domínio predominante (55)
A internacionalização é um aspecto fundamental da actividade em termos de afectação de recursos (receitas, pessoas, tempo)	10	5	17	2	12
A internacionalização seguiu-se naturalmente à implantação no mercado nacional	10	2	19	1	4
A internacionalização tem funcionado como via alternativa às limitações encontradas no mercado nacional	5	5	24	5	7
A conjugação da actividade nacional e internacional é muito variável de acordo com os anos	17	9	14	3	7
A actividade internacional é esporádica	29	6	22	4	8

Quadro nº 18

Opiniões sobre a experiência de internacionalização, por perfil

Opiniões	Perfil			
	Promotores (85)	Estruturas de criação (109)	Equipamentos municipais (44)	Recintos (18)
A internacionalização é um aspecto fundamental da actividade em termos de afectação de recursos (receitas, pessoas, tempo)	19	21	5	1
A internacionalização seguiu-se naturalmente à implantação no mercado nacional	18	15	2	1
A internacionalização tem funcionado como via alternativa às limitações encontradas no mercado nacional	23	18	4	1
A conjugação da actividade nacional e internacional é muito variável de acordo com os anos	9	32	7	2
A actividade internacional é esporádica	18	40	10	1

- As estruturas com experiência de internacionalização identificam-se principalmente com as frases ‘A actividade internacional é esporádica’ (69) e ‘A conjugação da actividade nacional e internacional é muito variável de acordo com os anos’ (50) – reafirmando-se, pois, o carácter pouco frequente e desenvolvido da participação das entidades culturais portuguesas em cenário exterior (quadro nº 16). Para menos de um quinto das entidades com experiência de internacionalização, este ‘é um aspecto fundamental da actividade em termos de afectação de recursos (receitas, pessoas, tempo) ‘.
- Ao relacionar as respostas com variáveis como o domínio predominante obtêm-se alguns sinais de especificidades (quadro nº 17). Se as estruturas cuja actividade se situa predominantemente no Teatro aderem em maior número às frases acima mencionadas, já as entidades cujo domínio principal de actividade é a Música se revêem mais na frase ‘A internacionalização tem funcionado como via alternativa às limitações encontradas no mercado nacional’ – denotando, deste modo, indícios de um caminho na internacionalização mais trilhado.
- É entre as estruturas na categoria de ‘Promotores’ que são mais escolhidas frases denotando maior prática de internacionalização (quadro nº 18). Já as Estruturas de Criação assinalam com maior intensidade frases que evidenciam uma relação mais ocasional com a internacionalização, como “A actividade internacional é esporádica” (40).

• *Percepção das oportunidades de internacionalização nos últimos 3 anos*

Quadro nº 19

Percepção relativa às oportunidades de internacionalização nos últimos 3 anos, por perfil

Frases	Perfil				Total
	Promotores (85)	Estruturas de criação (109)	Equipamentos municipais (44)	Recintos (18)	
Diminuíram muito	2	11	1	0	14
Diminuíram	14	14	4	2	34
Mantiveram-se	16	23	9	2	50
Aumentaram	13	27	3	2	45
Aumentaram muito	2	3	3	0	8

Quadro nº 20

Percepção relativa às oportunidades de internacionalização nos últimos 3 anos, por % despesa  
(n=160)

Percepção	% Despesa				Nr (145)
	Sem despesas assinaladas (31)	1% a 5% da despesa (34)	6% a 10% da despesa (18)	Mais de 10% da despesa (28)	
Diminuíram muito	7	0	1	1	5
Diminuíram	3	10	2	7	12
Mantiveram-se	9	13	6	7	15
Aumentaram	5	9	8	8	15
Aumentaram muito	2	1	0	2	3

Quadro nº 21

Percepção relativa às oportunidades de internacionalização nos últimos 3 anos, por % receita  
(n=160)

Percepção	% Receita				Nr (144)
	Sem receita assinaladas (40)	1% a 5% da receita (32)	6% a 10% da receita (22)	Mais de 10% da receita (18)	
Diminuíram muito	7	0	2	0	5
Diminuíram	3	10	6	3	12
Mantiveram-se	13	10	5	6	16
Aumentaram	9	8	7	8	13
Aumentaram muito	2	2	0	1	3

- Quanto à percepção das oportunidades de internacionalização nos últimos 3 anos parece verificar-se um balanço neutro, exceptuando-se as 'Estruturas de criação' que mais consideram que as oportunidades aumentaram (quadro nº 19).

- Da análise entre a percepção das oportunidades de internacionalização nos últimos 3 anos e a percentagens de despesa e receita relativas a actividades de internacionalização em 2008 (quadros nº 20 e 21), resulta uma correlação expectável entre maior actividade internacional (medida por aquelas percentagens) e avaliação positiva das oportunidades verificadas em anos recentes. Tal constatação confirma a ideia de que o envolvimento em circuitos internacionais e a respectiva percepção é relevante para apenas uma minoria activa das entidades inquiridas.

Quadro nº 22

## Influência de algumas estratégias de internacionalização

Estratégias de internacionalização	Grau de influência				
	Sem influência	Influencia pouco	Influencia	Influencia razoavelmente	Influencia muito
Estabelecer uma parceria com uma entidade que lhe permitiu a participação numa rede internacional	37	14	26	19	34
Ser convidado para participar em projectos liderados por parceiros internacionais	27	8	24	33	39
Liderar projectos que envolvem parceiros de outros países	46	12	24	19	17
Investir em formas de comunicação que intensificam contactos com eventuais parceiros	23	14	36	21	34
Elaborar planos de venda em circuitos internacionais para cada espectáculo	40	20	34	13	16

- Entre as estratégias de internacionalização sugeridas no inquérito, aquelas a que é reconhecida maior influência são ‘Ser convidado para participar em projectos liderados por parceiros internacionais’ e ‘Investir em formas de comunicação que intensificam contactos com eventuais parceiros’. Note-se que são as opções que denotam uma maior passividade. ‘Estabelecer uma parceria com uma entidade que lhe permitiu a participação numa rede internacional’ é apontada simultaneamente como muito e nada relevante, o que não deixa de ser intrigante. Estas escolhas preferenciais vão ao encontro dos resultados de alguns estudos sobre o impacto de programas de internacionalização e mobilidade de artistas, segundo os quais uma das dificuldades invocadas pelos agentes quanto à participação nessas iniciativas reside na incapacidade de encontrar parceiros internacionais (Lourenço, 2003; ERICarts, 2008) (quadro nº 22).
- As estratégias apontadas como menos influentes (‘Liderar projectos que envolvem parceiros de outros países’ e ‘Elaborar planos de venda em circuitos internacionais para cada espectáculo’) são justamente as que implicam maior proactividade – indiciando afinal o distanciamento da maior parte das estruturas inquiridas em relação a circuitos de internacionalização.
- É entre o grupo de Estruturas de Criação que os posicionamentos quanto ao grau de influência das estratégias surgem mais definidos. ‘Ser convidado para participar em projectos liderados por parceiros internacionais’ é notoriamente a oportunidade vista como a mais frutuosa, apresentando-se também significativo

o investimento 'em formas de comunicação que intensificam contactos com eventuais parceiros'. Já à estratégia 'Liderar projectos que envolvem parceiros de outros países' é atribuída menor influência – sinalizando como que uma percepção de inadequação das entidades à função de liderança tratando-se de circuitos pouco conhecidos.

FACTORES NEGATIVOS E POSITIVOS QUE CONTRIBUÍRAM PARA AS OPINIÕES ANTERIORES

*Quadro nº 23*  
**Factores negativos**  
 (n=144)

<b>Factores negativos</b>	<b>Número</b>
Custos de deslocação	<b>112</b>
Formalidades administrativas (como vistos, autorizações, etc.)	22
Fiscalidade (formas diferenciadas de tributação, etc.)	25
Falta de apoios públicos nacionais	<b>108</b>
Falta de apoios públicos internacionais, incluindo programas comunitários	53
Ausência de parceiros internacionais	31
Dificuldade de domínio de línguas estrangeiras	5
Outros factores	16

Nota: Pergunta de resposta múltipla

- A falta de meios financeiros – com diferentes formulações – é apresentada como principal obstáculo à internacionalização (quadro nº 23). Os custos de deslocação e a falta de apoios públicos nacionais – ainda que os apoios públicos sejam também assinalados como principal fonte de financiamento (rever quadro nº 8) – constituem os factores negativos que, na perspectiva dos respondentes, mais contribuem para as percepções e opiniões sobre a sua experiência de internacionalização. De notar que tais factores – sinalizando um problema de escassez de recursos – são focados de modo proporcional pelas estruturas, independentemente do domínio onde predominantemente desenvolvem actividade. Trata-se de aspectos – principalmente o que se refere à insuficiência dos apoios públicos nacionais – também apontados pelos respondentes que deixam observações finais no questionário.

*Quadro nº 26*  
**Factores positivos**  
(n=64)

Factores positivos	Número
Existência de apoios públicos nacionais	15
Existência de apoios públicos/estatais internacionais	19
Existência de apoios de programas comunitários	15
Receitas obtidas em mercados internacionais	19
Reconhecimento obtido em mercados internacionais	83
Estabelecimento de parcerias de longa duração	44
Facilidades de circulação no espaço europeu	59
Acordos de cooperação com países lusófonos	11
Outros factores	5

Nota: Pergunta de resposta múltipla

- Quanto a factores positivos que fundamentam percepções da experiência de internacionalização, o mais apontado pelas estruturas já não é – ao contrário do que se observou relativamente aos factores negativos – de natureza económica mas simbólica (não sendo mensurável a contrapartida financeira que lhe está, ou não, associada): ‘Reconhecimento obtido em mercados internacionais’ (quadro nº 26). São também destacadas, embora em menor proporção, a ‘Facilidades de circulação no espaço europeu’ – o que se relaciona directamente com a prevalência de parceiros europeus nas co-produções internacionais.
  
- Repare-se no muito pouco peso assumido por factores como ‘Acordos de cooperação com países lusófonos’ e ‘Receitas obtidas em mercados internacionais’. No que respeita ao primeiro, lembre-se que já entre os parceiros das principais co-produções internacionais rareavam as nacionalidades lusófonas. À semelhança do que se verificou na análise dos factores negativos, também a menção dos factores positivos processa-se de modo consonante entre agentes com domínios predominantes diversos. Por outras palavras: todos os agentes convergem na identificação dos aspectos tidos como mais negativos e mais positivos na experiência de internacionalização.



Em resposta à pergunta final do questionário prevista para o efeito, 83 estruturas deixaram um comentário sobre o tema da internacionalização. Embora os comentários sejam muito diferentes em termos de tópicos focados e argumentação desenvolvida, permitem identificar um conjunto de aspectos mais focados pelos agentes, onde perpassam factores abordados no inquérito.

- Queixa quanto à *insuficiência de apoios* (financeiros e em geral) atribuídos por entidades oficiais e denúncia da impossibilidade, decorrente dessa falta, de estar presente em eventos noutros países – trata-se de uma crítica mais enunciada por (auto-designadas) pequenas estruturas.

Há agentes que apontam o Ministério da Cultura – e o que consideram ser a sua incompleta intervenção – como responsável pela manutenção das desigualdades do acesso das entidades culturais à internacionalização. Outras estruturas atribuem a falta de investimento e a falta de informação às “instituições portuguesas”. Algumas entidades salientam a importância da existência de apoios a *networking* e a deslocações e representações em feiras internacionais como factor essencial nas estratégias de internacionalização – sem, contudo, especificar quem é responsável pela definição dessa estratégia e pela concessão desse tipo de apoio.

- Defesa da criação de *instrumentos de trabalho* promotores da disseminação de informação e da agilização de procedimentos – na continuidade do que tem sido identificado como fraquezas da internacionalização (Lourenço, 2003; Gomes e outros, 2005; Gomes, Lourenço e Martinho, 2006).
- Identificação, por estruturas teatrais, do *factor ‘Língua’* como sendo menos favorável à mobilidade internacional. Diferentemente do Teatro, são outras artes, como a dança, que têm mais possibilidade de desbravar esses circuitos. O estabelecimento desta comparação, por parte das estruturas, evidencia a percepção de custos (de várias ordens) acrescidos para o Teatro. Entre esses custos, estão os da própria deslocação: uma companhia de teatro afirma que despesas implicadas nas viagens ‘lá fora’ são um dos motivos da recusa de convites para apresentações fora de Portugal.
- Valorização da *intervenção do Instituto Camões*, havendo agentes que referem a necessidade da revisão dos critérios de atribuição de apoios.
- Referência à *falta de equilíbrio nos fluxos de artistas* (Música) no espaço dos países lusófonos: Portugal é mais ‘acolhedor’ do que ‘viajante’, situação que não contribui para

promover o conhecimento do trabalho dos autores e intérpretes portugueses na sua diversidade.

- Do lado dos espaços, referência *ao menor custo dos espectáculos estrangeiros*, por comparação com o valor das produções nacionais. O equipamento municipal que refere este aspecto afirma igualmente preferir programar os eventos de música e bailado clássico – surge, novamente, a ‘Língua’ como obstáculo. Trata-se de um aspecto a aprofundar em estudos de caso, de modo a perceber até que ponto opções como esta são regra ou exceção, por um lado, e como se relacionam com a existência, ou não, de programadores nos teatros municipais.
- A internacionalização é referida por um agente do domínio Música como constituindo um caminho para “elevar a qualidade das produções e reduzir os custos”. O comentário não permite perceber de que modo. O facto de esta entidade afirmar ser já conhecida em teatros europeus corresponderá ou não ao processo descrito pelo equipamento municipal no ponto anterior? Ou seja: se em Portugal há espaços, como aquele equipamento, que consideram mais baratas as produções estrangeiras e as privilegiam na programação, também haverá ‘lá fora’ recintos que tenham semelhante perspectiva e disto beneficiem as entidades estrangeiras (entre os quais, formações portuguesas)?

Concluindo:

- O caminho na mobilidade internacional é notoriamente mais difícil para pequenas estruturas no domínio do Teatro. É entre estes agentes que surge com maior frequência a queixa da falta de apoios públicos à internacionalização.
- As entidades cujo domínio é a Música denotam menos dificuldades – apesar de, por vezes, apontarem o que consideram ser o injusto lugar para a música portuguesa, mesmo no espaço da lusofonia – e o que parecem buscar essencialmente é o acesso a mais informação e divulgação, roteiros, plataformas de difusão.
- Para as estruturas do domínio Dança a internacionalização parece um dado mais adquirido, o que não impede que alguns agentes refiram a falta de uma estratégia nacional de internacionalização, falta esta que, no seu entender, não rentabiliza os esforços desenvolvidos pelas estruturas de criação em Portugal.

### 3. CASOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO

Apresentam-se neste capítulo algumas experiências de internacionalização diversas – quer no que respeita a promotores/sectores quer no que se relaciona com o formato que tais experiências revestem (medidas públicas, redes de programação, bolsas de formação e valorização profissional, festivais) – com indicadores de actividade. O horizonte temporal privilegiado foi 2006-2008, por ser o período destacado no inquérito.

#### 3.1. POLÍTICAS E MEDIDAS PÚBLICAS: PROGRAMA INOV-ART <sup>4</sup>

A iniciativa INOV-Art consiste numa medida específica do Programa INOV<sup>5</sup>, dirigida às áreas das artes e da cultura, gerida e coordenada pela Direcção-Geral das Artes, instituição responsável pela implementação das políticas de apoio às artes performativas e visuais do Ministério da Cultura. Trata-se de uma iniciativa constituída<sup>6</sup> com o objectivo de proporcionar anualmente cerca de 200 estágios profissionais a jovens, entre os 18 e os 35 anos, com qualificações ou aptidões reconhecidas no domínio cultural e artístico em instituições internacionais de referência. A realização dos estágios tem as seguintes finalidades: i) promover a inserção no mercado de trabalho de jovens com conhecimento e experiência nas áreas da cultura e das artes; ii) desenvolver competências profissionais e qualificações dos jovens através da sua integração, por um período limitado de tempo, em entidades culturais e artísticas internacionais; iii) fomentar a circulação e a cooperação cultural e artística internacional.

O orçamento do INOV-Art é disponibilizado anualmente pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional, tutelado pelo Ministério da Segurança Social e do Trabalho, e gerido pela Direcção-Geral das Artes. Na primeira edição, o orçamento foi de cerca de 5 milhões de euros, sendo este também o montante cabimentado para a 2ª edição, a ter início em 2010.

Os destinatários da medida INOV-Art são jovens que reúnam os seguintes requisitos: i) permaneçam legalmente em território nacional; ii) estejam desempregados, à procura de primeiro ou novo emprego; iii) possuam qualificação específica nos domínios a que concorrem; iv) sejam fluentes em português e noutra língua oficial da União Europeia; v) tenham disponibilidade para viver no estrangeiro. Quanto às áreas disciplinares abrangidas pelo INOV-Art, na 1ª edição ano foram as seguintes: Arquitectura, Conservação e Restauro;

---

<sup>4</sup> Com base no Relatório *Apresentação e Aspectos Gerais do programa INOV-Art*, disponibilizado pela Direcção-Geral das Artes ao OAC em Novembro de 2009.

<sup>5</sup> Este Programa foi lançado pelo XVIII Governo Constitucional, em 2005, com o objectivo de financiar estágios profissionais a jovens.

<sup>6</sup> Medida aprovada pelo Conselho de Ministros, através da Resolução CM n.º 63/2008, de 7 de Abril.

Artes Performativas; Artes Visuais; Cinema e Audiovisual; Design; Escrita e Edição; Gestão, Indústrias Criativas e Marketing; Serviços Educativos e Actividades Artísticas em Meio Educativo. Na 2ª edição – cujo período de candidaturas decorre até 8 de Janeiro de 2010 – registam-se duas mudanças no conjunto de áreas disciplinares: autonomização da área Património e junção da área de Arquitectura com a de Urbanismo.

O funcionamento desta iniciativa prevê que, após a selecção dos candidatos, decorra um processo de *matching*, no qual se procura adequar – à luz dos perfis dos seleccionados –, cada candidato a uma entidade de acolhimento e a um plano de estágio<sup>7</sup>. A estrutura dos estágios comporta três fases sequenciais – seminário de abertura, estágio no estrangeiro e seminário de encerramento –, sendo que o estágio tem uma duração mínima de 3 meses e máxima de 9 meses.

A avaliação do desempenho dos estagiários leva em conta a sua participação em cada uma das fases referidas. A classificação final cabe à direcção do INOV-Art, sendo considerados os seguintes parâmetros e a respectiva ponderação: i) relatório dos serviços responsáveis pela execução do Programa (40%); ii) relatório final de estágio do estagiário (30%); iii) relatório final do coordenador de estágio da entidade de acolhimento (30%); relatório do tutor do estagiário no país de destino (meramente informativo).

Relativamente ao funcionamento da 1ª edição do INOV-Art, destacam-se alguns traços – ver quadros nºs 1, 2 e 3.

---

<sup>7</sup> Note-se que os candidatos seleccionados podem ter uma entidade de acolhimento e um plano de estágio previamente definidos.

Quadro nº 1

**Principais dados estatísticos relativos à 1ª edição do Programa INOV-Art**

-Número total de estagiários	229
-Número de estagiários por área disciplinar	
Arquitectura, Conservação e Restauro	43
Cinema e Audiovisual	39
Artes Visuais	36
Design	31
Artes Performativas	27
Gestão, Indústrias Criativas e Marketing	25
Cruzamentos Artísticos	14
Serviços Educativos e Actividades Artísticas em Meio Educativo	11
Escrita e Edição	3
-Duração dos estágios	
9 meses	110
6 meses	49
8 meses	25
3 meses	20
5 meses	10
7 meses	8
4 meses	7
-Número de entidades de acolhimento	209*
-Número de cidades onde se desenvolveram os estágios	84
-Número de países onde se desenvolveram estágios	28

Fonte: OAC a partir de Relatório *Apresentação e Aspectos Gerais do programa INOV-Art*, disponibilizado pela Direcção-Geral das Artes em Novembro de 2009.

\* O número máximo de estagiários acolhidos por entidade foi de 3 (Sou Fujimoto Architects, Tóquio; Atelier Satyendra Parkale, Amesterdão). 21 entidades acolheram 2 estagiários e as restantes acolheram 1 estagiário.

- No que respeita à distribuição dos 229 estagiários por áreas disciplinares, as que mais os concentraram foram: Arquitectura, Conservação e Restauro (43)<sup>8</sup>, Cinema e Audiovisual (39), Artes Visuais (36), Design (31) e Artes Performativas (27). No lugar oposto figura a área Escrita e Edição, com apenas 3 estagiários
- Predominaram os estágios de mais longa duração (9 meses)
- As entidades de acolhimento acolheram, maioritariamente, 1 estagiário
- Verifica-se uma diversidade significativa de cidades (84) e países (28) onde tiveram lugar os estágios

<sup>8</sup> Desconhece-se o número de estagiários mais associados a Arquitectura e os mais referenciados a Conservação e Restauro.

Quadro nº 2  
Número de estágios do Programa INOV-Art, por área disciplinar e área geográfica

Área curricular	Área geográfica					Total
	Europa	América Sul	América do Norte	África	Ásia	
Arquitectura, Conservação e Restauro	27	5	2	4	5	43
Cinema e audiovisual	27	5	5	2		39
Artes Visuais	29	2	4	1		36
Design	26	2	1		2	31
Artes Performativas	18	6	2	1		27
Gestão, Indústrias Criativas e Marketing	18	3	2	1	1	25
Cruzamentos Artísticos	12	1	1			14
Serviços Educativos	7	3		1		11
Escrita e Edição	1		1	1		3
<i>Total</i>	165	27	18	11	8	229

Fonte: OAC a partir de Relatório Apresentação e Aspectos Gerais do programa INOV-Art, disponibilizado pela Direcção-Geral das Artes em Novembro de 2009.

- A principal área de acolhimento dos estagiários é a Europa (165), destino central em quase todas as áreas disciplinares. A Ásia absorve um número muito inferior (8), indiciando constituir um destino dos mais relevantes na área de Arquitectura, Conservação e Restauro (5)
- A área de Escrita e Edição é a única que apresenta uma distribuição geográfica mais proporcional<sup>9</sup>

<sup>9</sup> Apenas o conhecimento dos planos de estágio e das entidades de acolhimento permitiria desenvolver a análise destes números.

Quadro nº 3  
As 10 cidades com mais estágios do Programa INOV-Art, por área disciplinar

Cidade	Área disciplinar									Total
	Arquitectura, Conservação e Restauro	Artes Performativas	Artes Visuais	Cruzamentos Artísticos	Cinema e Audiovisual	Design	Escrita e Edição	Gestão, Indústrias Criativas e Marketing	Serviços Educativos e Actividades Artísticas	
Barcelona	5		2	3	4	10		7	2	33
Berlim		2	7	1	3	2		3		18
Londres	4	1	3	1	2	1	1	2	1	16
Amesterdão	4	3	2		3	3				15
Rio de Janeiro	3	5	2		1			1		12
Nova Iorque	1	1	3	1	2			1		9
Paris	1		1	1	3	2		1		9
Maputo	1	1			2		1		1	6
Bruxelas		2	1		1			1	1	6
Madrid	1	2			1				1	5
<i>Total</i>	20	17	21	7	22	18	2	16	6	129

Fonte: OAC a partir de Relatório *Apresentação e Aspectos Gerais do programa INOV-Art*, disponibilizado pela Direcção-Geral das Artes em Novembro de 2009.

A análise do conjunto de cidades que concentraram mais de metade dos estágios (129) evidencia:

- O primeiro lugar ocupado por Barcelona (33), com um número mais alto e estágios nas áreas de Design (10) e Gestão, Indústrias Criativas e Marketing (7)
- Berlin, a segunda cidade com mais estágios, afigura-se mais relevante no campo das Artes Visuais
- As outras cidades denotam menor especialização que as anteriores, isto ainda que: Londres surja mais associada a Arquitectura, Conservação e Restauro e Artes Visuais; Rio de Janeiro tenha mais estágios de Artes Performativas; Nova Iorque acolha mais estagiários em artes Visuais e Paris registre mais casos de estagiários na área de Cinema e Audiovisual

### 3.2. REDES DE PROGRAMAÇÃO: ARTEMREDE <sup>10</sup>

A rede de programação ‘Artemrede – Teatros Associados’ integra actualmente 16 autarquias e apresenta-se como um projecto de qualificação e descentralização cultural. Se 2005 pode ser visto como um ano experimental e de ensaio e 2006 representou um “ano de consolidação”, já 2008 constitui o momento em que foram dados os primeiros passos na criação de um projecto educativo. Mais recentemente foi elaborado um Plano Estratégico para 2008 – 2015. A Artemrede conta com apoios provenientes de programas comunitários (POC e QREN) e da Comissão de Coordenação e desenvolvimento regional de Lisboa e Vale do Tejo (CCDR LVT).

O projecto apresenta dois objectivos principais. O primeiro consiste em promover a qualificação e desenvolvimento da actividade cultural dos seus membros, nomeadamente através da coordenação da respectiva actuação no domínio da gestão e programação de teatros, cineteatros e outros espaços de apresentação pública de espectáculo. Em segundo lugar, este projecto tem procurado qualificar o funcionamento dos teatros associados, por via da prestação dos seguintes contributos aos membros da Artemrede: i) apoio à elaboração das suas programações; ii) acesso a formação especializada; iii) optimização de recursos e economias de escala; iv) acesso a circuitos para distribuição das produções locais; v) qualificação da sua prestação cultural à comunidade local; vi) acesso a informação especializada; vii) qualificação da sua imagem; viii) acréscimo de capacidade de representação negocial junto de financiadores e potenciais parceiros.

Relativamente à programação dos teatros integrados na Artemrede, salientam-se alguns aspectos – ver quadros nºs 4 e 5.

---

<sup>10</sup> Com base em informação disponibilizada no site [www.artemrede.pt](http://www.artemrede.pt).



Quadro nº 4  
Artemrede – Número de produções e sessões, por concelho (2006-2009)

Concelho	Ano											
	2006				2007				2008			
	Nacionais		Internacionais		Nacionais		Internacionais		Nacionais		Internacionais	
	Nº	Sessões	Nº	Sessões	Nº	Sessões	Nº	Sessões	Nº	Sessões	Nº	Sessões
Abrantes	3	3			1	1			10	11	3	4
Alcanena									6	6	4	5
Alcobaça	8	8	1	1	4	4	4	4	5	5	4	5
Almada	7	7	1	1	3	3	3	3	7	8	4	4
Almeirim	7	7	1	1	5	5	2	2	1	1		
Barreiro	12	13	1	1	5	7	6	6	9	11	4	5
Caldas da Rainha									2	5	2	2
Cartaxo	6	6	3	3	4	4	4	4	10	11	4	4
Entroncamento	3	3	1	1	2	2	1	1				
Moita	6	6	2	2	2	2	4	4	4	6	4	5
Montijo	5	6	3	3	4	6	4	4	8	8	4	4
Palmela	8	8			10	13	4	4	7	7	5	6
Santarém	7	10	3	3	4	4	7	7	5	5	5	5
Sesimbra	2	5	1	1	3	3						
Sintra	4	4			3	4	1	1				
Sobral de Monte Agraço	8	8			9	13	2	2	11	12	4	5
Torres Vedras	9	9	2	2	5	5	5	5	11	12	2	2
Nazaré	3	3										
<i>Total</i>	98	106	19	19	64	76	47	47	96	108	49	56

Fonte: OAC a partir de www.artemrede.pt.

Notas:

- i) não inclui sessões de cinema realizadas em 2006.
- ii) Alguns dados não distinguem o Cine-Teatro S. Pedro de Alcanena do de Abrantes, não tendo sido considerados.
- iii) A autarquia da Nazaré não surge referida como associada mas acolheu espectáculos em 2006.

- O número total de produções internacionais regista um crescimento gradual entre 2006 (21) e 2008 (53). O crescimento é mais evidente em 2007, ano que o número de produções nacionais e internacionais mais se aproxima
- Se no ano de 2006 todos os concelhos apresentam um número superior de produções nacionais, já nos anos seguintes a situação altera-se, havendo localidades que em 2007 e/ou 2008 têm um numero muito aproximado/igual/superior, de produções provenientes de outros países. É o caso, designadamente, de Alcobaça, Moita ou Palmela – o que, porventura, está relacionado com estratégias de programação e recursos disponíveis

Quadro nº 5

## Artemrede – Número de produções e sessões, por país de origem (2006-2009)

País	Ano					
	2006		2007		2008	
	Produções	Sessões	Produções	Sessões	Produções	Sessões
<b>Total Europa</b>	28	135	28	133	22	165
Portugal	24	114	20	88	16	113
Espanha	1	7	3	17	1	9
França	2	6	3	18	3	29
Reino Unido					1	6
Áustria			1	6	1	8
Rússia			1	4		
Bélgica	1	8				
<b>Total Outros países</b>			1	4	1	8
Canadá			1	4		
Austrália					1	8
<i>Total</i>	28	135	29	137	23	173

Fonte: OAC a partir de [www.artemrede.pt](http://www.artemrede.pt).

Nota: Não inclui sessões de cinema realizadas em 2006.

- As produções apresentadas na programação no âmbito da Artemrede correspondem maioritariamente a criações nacionais
- No conjunto reduzido de produções internacionais, França e Espanha são os países que quase exclusivamente asseguram a programação internacional
- O número de produções provenientes do espaço não europeu é muito inexpressivo

### 3.3. BOLSAS DE FORMAÇÃO E VALORIZAÇÃO PROFISSIONAL

#### BOLSAS DA COOPERATIVA DE GESTÃO DOS DIREITOS DOS ARTISTAS INTÉRPRETES OU EXECUTANTES (GDA)

Uma das linhas de actividade da Cooperativa de Gestão dos Direitos dos Artistas Intérpretes ou Executantes (GDA) consiste na atribuição de apoios aos cooperadores nas áreas de formação e valorização profissional, isto através do seu Fundo Cultural, lançado em Março de 2006. Com esta intervenção, pretende-se que os cooperadores da GDA possam beneficiar de “reciclagens e actualizações que contribuam para uma melhoria do seu estatuto profissional e para o alargamento das suas potencialidades”<sup>11</sup>.

É de salientar, no conjunto de bolsas concedidas entre 2006 e 2008, a proeminência da Inglaterra (e Londres) entre os locais de destino (quadro nº 6). Seguem-se, em lugar mais recuado, a Espanha e os EUA (Nova Iorque). Por outro lado, repare-se no aumento gradual do número de apoios pontuais e projectos de residência.

Quadro nº 6  
Apoios atribuídos pela GDA à mobilidade de artistas, por país de destino (2006-2009)

Apoios e país	Ano				Total
	2006	2007	2008	2009	
-Bolsas de Formação Continuada e Valorização Profissional					
Inglaterra	3 (Londres)	3 (Londres, Manchester, Sheffield)	6 (5 Londres, 1 Manchester)	1* (Londres)	13
França		1 (Paris)			1
Espanha		3 (2 Sevilha e 1 Madrid)			3
Índia		1 (Bungalow)			1
Holanda			1 (Haia)		1
EUA		1 (Nova Iorque)	2 (Nova Iorque)		3
Portugal	1 (Aveiro)		1 (Porto)		2
<i>Total</i>	4	9	10	1	24
-Apoios Pontuais e Projectos de Residência					
<i>Total</i>	7	20	48	50	125

Fonte: OAC a partir de dados disponibilizados pelo Fundo Cultural da GDA, Novembro de 2009.

\* em prorrogação.

<sup>11</sup> In [www.gdaie.pt](http://www.gdaie.pt)

Os Programas de Bolsas de Estudos da Fundação Calouste Gulbenkian representam uma das suas linhas de intervenção mais continuada e distintiva no panorama cultural em Portugal, desenvolvendo esta actividade de apoio à formação desde os anos 60 do século XX. No caso dos Serviços da FCG mais relacionados com artes performativas – música e belas artes –, são atribuídos, por concurso anual, diversos tipos de bolsas de estudo e valorização profissional, dirigidas predominantemente a estadias no estrangeiro. Dois principais objectivos são visados pela concessão de bolsas a artistas e investigadores: i) aprofundar e desenvolver conhecimentos e experiências e ii) obter o grau de preparação e excelência necessário para dar continuidade às carreiras profissionais.

## Quadro nº 7

## Bolsas atribuídas pelo Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, por tipo de bolsa (2006-2009)

Tipo de bolsas	Ano								
	2006			2007			2008		
	Nº de novas bolsas	Nº de bolsas prorrogadas	Orçamento	Nº de novas bolsas	Nº de bolsas prorrogadas	Orçamento	Nº de novas bolsas	Nº de bolsas prorrogadas	Orçamento
Bolsas de estudo no estrangeiro	11	14	281.332	7	14	260.372	7	16	279.665
Bolsas de estudo no país	11			6	1		5		
Bolsas atribuídas no âmbito do PAD*	3		**	6		**	5	8	**

Fonte: OAC a partir de Relatórios de Actividades da Fundação Calouste Gulbenkian.

Notas:

\* Programa de Apoio à Dança

\*\* ) O orçamento do Serviço de Música relativo às bolsas não inclui as atribuídas através do PAD já que este programa tem um orçamento próprio que abrange bolsas e subsídios.

Em meados de 2008 o Programa de Apoio à Dança foi transferido para o Serviço de Belas-Artes, no entanto, os apoios concedidos neste ano foram ainda da responsabilidade do Serviço de Música.

<sup>12</sup> Com base nos Relatórios da FCG.

Quadro nº 8

Bolsas atribuídas pelo Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian, por país de destino  
(2006-2009)

País	Ano		
	2006	2007	2008
Reino Unido	7	c/ bolsas	6
Alemanha	3	c/ bolsas	6
Suíça	4	c/ bolsas	3
Espanha	3	s/ bolsas	2
EUA	4	c/ bolsas	1
Holanda	3	c/ bolsas	1
Itália	1	c/ bolsas	1
Lituânia	s/ bolsas	c/ bolsas	1
Rússia	s/ bolsas	s/ bolsas	1
França	s/ bolsas	s/ bolsas	1

Fonte: OAC a partir de Relatórios de Actividades da Fundação Calouste Gulbenkian.

Nota: Para 2007 não é possível especificar nº de bolsas por país.

- No que respeita às bolsas atribuídas pelo Serviço de Música da FCG, observa-se um ligeiro decréscimo no seu número e também uma diminuição no orçamento global – embora não se encontrem desagregados os montantes específicos para bolsas de estudo no estrangeiro e bolsas de estudo no país (quadro nº 7). No que se refere a bolsas de formação no estrangeiro, o volume de bolsas prorrogadas regista um brando crescimento
- No conjunto de países abrangidos pelas bolsas de estudo no estrangeiro, o Reino Unido tem presença mais pronunciada, sendo que em 2008 a Alemanha também surge num lugar equiparado (quadro nº8)

Quadro nº 9

## Bolsas atribuídas pelo Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian (2006-2009)

Tipo de bolsas	Ano								
	2006			2007			2008		
	Nº de novas bolsas	Nº de bolsas prorrogadas	Orçamento	Nº de novas bolsas	Nº de bolsas prorrogadas	Orçamento	Nº de novas bolsas	Nº de bolsas prorrogadas	Orçamento
Bolsas de estudo de especialização e valorização profissional	21	25	388.369	24	13	484.759	18	20	427.520
Bolsas exemplares/Residências artísticas	5		63.396	5		60.813	6		115.900

Fonte: OAC a partir de Relatórios de Actividades da Fundação Calouste Gulbenkian.

Quadro nº 10

## Bolsas atribuídas pelo Serviço de Belas Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, por país de destino (2006-2009)

País	Ano					
	2006		2007		2008	
	Bolsas de estudo de especialização e valorização profissional	Bolsas Exemplares/Residências artísticas	Bolsas de estudo de especialização e valorização profissional	Bolsas Exemplares/Residências artísticas	Bolsas de estudo de especialização e valorização profissional	Bolsas Exemplares/Residências artísticas
EUA	8	3	7	3	5	3
França	2	0	1	0	0	0
Holanda	1	0	0	0	0	0
Brasil	1	0	0	0	0	0
Índia	1	0	2	0	0	0
Espanha	1	1	0	1	3	1
Reino Unido	7	0	9	0	7	1
Alemanha	0	1	1	1	2	1
Itália	0	0	1	0	0	0
Suécia	0	0	2	0	1	0
Suíça	0	0	1	0	0	0
<i>Total</i>	<i>21</i>	<i>5</i>	<i>24</i>	<i>5</i>	<i>18</i>	<i>6</i>

Fonte: OAC a partir de Relatórios de Actividades da Fundação Calouste Gulbenkian.

- Relativamente às bolsas concedidas pelo Serviço de Belas-Artes da FCG (quadro nº 9), observa-se um progressivo maior investimento nas Bolsas exemplares/Residências artísticas, cujo orçamento quase duplica entre 2006 e 2008. O que está em consonância com a criação desta linha de apoio e com o entendimento de que este tipo de experiências pode contribuir a jovens artistas o desenvolvimento de “projectos inovadores em áreas de vanguarda, em meios artísticos e profissionais de grande

visibilidade [com a] a oportunidade de divulgar o seu trabalho, entrando nos circuitos internacionais”<sup>13</sup>

- Os EUA e o Reino Unido são os países onde mais convergem os bolseiros, o que novamente denota a centralidade destes países e de cidades como Londres e Nova Iorque no que respeita a oportunidades de valorização profissional (quadro nº 10)

---

<sup>13</sup> In Relatório de actividades da Fundação Calouste Gulbenkian de 2006.

### 3.4. FESTIVAIS

PONTI – PORTO. NATAL. TEATRO. INTERNACIONAL <sup>14</sup>

O PoNTI – Porto. Natal. Teatro. Internacional foi um festival internacional de artes performativas, com periodicidade bienal, cuja primeira e quarta edição tiveram lugar em 1997 e 2004. Tratou-se de uma iniciativa do Ministério da Cultura, em colaboração com a Câmara Municipal do Porto, com financiamento de fundos europeus (Programa Operacional da Cultura), cuja estrutura organizativa esteve sediada no Teatro Nacional de São João (TNSJ) – surgindo como outros palcos de acolhimento o Rivoli Teatro Municipal, o Auditório Nacional Carlos Alberto, o Balletatro Auditório e o Teatro Campo Alegre. Com este evento pretendeu-se: i) integrar a cidade e o país nos circuitos internacionais de produção e exibições artísticas; ii) aprofundar o conhecimento pelos públicos e criadores teatrais dos projectos mais interessantes e inovadores da área das artes performativas.

“Pode assim, definir-se o Festival PoNTI, como um amplo programa de estímulo à criatividade, conceito que abrange não só as formas mais convencionais de itinerância, mas também um princípio de aproveitamento integral da presença no Porto de criadores nacionais e internacionais para alargar e aprofundar a experiência tanto dos profissionais das artes do palco como dos públicos  
(...)

[As edições do festival] preconizaram uma política de comunicação abrangente e generalista, ao afastarem a barreira da língua, através da legendagem de todos os espectáculos, procurando também afastar a barreira financeira, ao promover mecanismos de fidelização, de que são exemplos o Passaporte PoNTI e o Cartão TNSJ” (in Relatório Final Ponti 97/99).

---

<sup>14</sup> Com base nos programas e relatórios relativos ao PoNTI.



Quadro nº 11

## PoNTI – Número de produções e sessões por país de origem

País	Ano							
	1997		1999		2001		2004	
	Produções	Sessões	Produções	Sessões	Produções	Sessões	Produções	Sessões
<b>Total Europa</b>	14	33	18	38	33	106	14	37
Portugal	8	18	6	12	6	37	3	11
Espanha					2	4	2	5
França			2	4	8	25		
Alemanha	1	1			3	8	2	6
Reino Unido			1	2	2	6		
Itália	2	8	4	11	7	12	2	2
Holanda			2	4	2	4		
Lituânia	1	2						
Rússia							1	5
Roménia							1	2
Hungria							1	2
Suécia							1	2
<b>Co-produções de países europeus</b>	2	4	3	5	3	10	1	2
Itália/Áustria	1	2						
Alemanha/França	1	2						
Alemanha/Espanha/Holanda			1	1				
Itália/França			1	2				
Lituânia/Itália/Suíça			1	2				
França/Roménia							1	2
Lituânia/Itália					1	4		
Portugal/Espanha					1	3		
Portugal/Holanda					1	3		
<b>Total Países lusófonos</b>			2	4				
Brasil			1	2				
<b>Co-produções de países lusófonos</b>			1	2				
Portugal/Cabo Verde			1	2				
<b>Total Outros países</b>	2	4			2	6		
Estados Unidos	1	2						
Canadá					1	4		
Austrália					1	2		
<b>Co-produções de outros países</b>	1	2						
Canadá/Itália	1	2						

Fonte: OAC a partir de Programas PoNTI.

Notas:

- i) Em 2001, ano em que Porto foi capital europeia da cultura, a programação do festival estendeu-se a todo o ano.
- ii) O PoNTI 2004 coincidiu com o XIII Festival da União dos Teatros da Europa – a qual integra o TNSJ desde 2003 –, habitualmente realizado entre Setembro e Dezembro.

Quadro nº 12  
Orçamento do PoNTI

1997	845.032
1999	1.496.553
2001	1.995.191
2004	1.087.099

Fonte: OAC a partir de Relatórios PoNTI.

- As produções que integraram a programação do PoNTI correspondem principalmente a criações nacionais, seguindo-se as obras com origem na Itália e na França (quadro nº 11). As produções provenientes de países não europeus têm uma presença menor
- Nos casos das co-produções (3) com a participação de entidades portuguesas, os parceiros são de nacionalidade espanhola, holandesa (em 2001) e cabo-verdiana (1999)
- De notar a maior intensidade da programação em 2001, o que eventualmente se explica pelo facto de nesse ano o Porto – cidade sede do festival – ter sido capital europeia da cultura e a programação do PoNTI ter sido disseminada ao longo do ano

Apresentado como ‘fórum cultural’, *O Estado do Mundo* foi um evento multidisciplinar integrado nas comemorações do cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian (FCG), organizado com o propósito de reflectir sobre os tempos presente e futuro.

“Nas comemorações do cinquentenário da Fundação Calouste Gulbenkian quisemos que, para além dos actos evocativos e celebratórios, se reflectisse sobre o tempo presente, se interrogasse o futuro, se ensaiassem novas abordagens metodológicas e se abrissem novos caminhos. Uma das tarefas das Fundações é lutar contra a ignorância – alargar o conhecimento – e contra a indiferença – alertar e mobilizar – face às grandes questões da actualidade e que serão, de um modo ou outro, fortes condicionantes do nosso futuro. É nesta linha de pensamento que se insere o Fórum Cultural ‘O Estado do Mundo’. Concebido como inovador, interventivo, desafiante e cosmopolita nos conteúdos e nas propostas, o programa é clássico e racional na estrutura” (Emílio Rui Vilar, presidente do Conselho de administração da Fundação Calouste Gulbenkian, in Programa de ‘O Estado do Mundo’)

*O Estado do Mundo*<sup>16</sup> estruturou-se em três plataformas de actividades distintas.

A Plataforma 1 assinalou o começo do evento, em 12 de Outubro de 2006, com uma conferência dada por Homi K. Bhabha, intitulada “Ética e Estética do Globalismo – Uma Perspectiva Pós-Colonial”<sup>17</sup>.

A Plataforma 2 decorreu entre Maio e Agosto de 2007. Concentrou a programação cultural: espectáculos de artes performativas, ciclo de cinema, concertos de música, ciclo de conferências. Para o jardim da FCG foi concebida uma programação específica, composta de actividades lúdicas – às quais foi transversal a “ideia de festa, de encontro e de troca”<sup>18</sup> – e espectáculos de música.

A Plataforma 3 – *Um Atlas de Acontecimentos* consistiu numa exposição de arte contemporânea<sup>19</sup>, apresentada de Outubro a Dezembro de 2007). Composta por obras de 28 artistas de vários países, teve como principal objectivo constituir uma reunião de “diferentes perspectivas do mundo”<sup>20</sup>.

O *Sítio das Artes*, programa de residências artísticas, reuniu artistas de várias artes (das artes visuais ao teatro) e provenientes de vários países (Portugal, Áustria, Brasil, Moçambique, Itália e EUA).

O evento *O Estado do Mundo* incluiu as seguintes encomendas: cinema – seis filmes encomendados a seis realizadores em 2005; artes performativas – duas produções de teatro e

---

<sup>15</sup> Com base em programas e relatórios do evento.

<sup>16</sup> Comissariado por António Pinto Ribeiro.

<sup>17</sup> No mesmo dia, foi lançada a obra com o título *O Estado do Mundo*, com a participação de ensaístas, um poeta e uma artista visual.

<sup>18</sup> In Programa. *O Jardim do Mundo* foi coordenado por Miguel Honrado e Susana Gomes da Silva.

<sup>19</sup> Com curadoria de António Pinto Ribeiro, Debra Singer e Esra Sarigedik Oktem

<sup>20</sup> In brochura do evento.

duas de ópera, implicando os artistas ex-alunos dos vários cursos do Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística. Realizaram-se co-produções – com teatros e centros culturais internacionais – de que resultou uma peça de teatro musical – *Winch Only* – e uma coreografia – 9.

Como mostra o quadro nº 13, os espectáculos que integraram a Plataforma 2 de *O Estado do Mundo* estão mais referenciados a Portugal – note-se que as sessões ‘portuguesas’ decorreram sobretudo no anfiteatro ao ar livre da FCG e foram asseguradas por formações nacionais. Na programação que teve lugar no grande auditório da Fundação, observa-se a predominância de produções oriundas do espaço não europeu. De notar ainda que a maior parte do orçamento do evento corresponde a actividades de artes performativas (quadro nº 14).

Quadro nº 13

O Estado do Mundo-Plataforma 2 – Número de produções e sessões por país de origem

País	Nº de sessões
Portugal*	20
França (9)	2
Alemanha ( <i>Return to Sender</i> )	3
Suíça ( <i>Winch Only</i> )	2
África do Sul ( <i>They Look at me...</i> )	2
Índia ( <i>Quiet Please</i> )	3
Palestina ( <i>Gilgamesh</i> )	3
Japão ( <i>Kakitsubata</i> )	3

Fonte: OAC, a partir de dados facultados pela organização do evento.

\* Corresponde a: duas óperas; duas produções de teatro; seis concertos da Orquestra Gulbenkian, no anfiteatro ao ar livre, e outros seis espectáculos de música aí apresentados.

Quadro nº 14  
Orçamento do evento O Estado do Mundo (2005 – 2008)

Área	Actividades	Montante
	Coordenação	664.004
Edição	Livro 'O Estado do Mundo'	52.405
Edição	Livro 'O Estado do Mundo' – 2ª edição	5.962
Edição	Livro 'A urgência da teoria'	43.724
Conferências	Conferência inaugural	20.316
Cinema	Filmes 'O Estado do Mundo'	411.030
Cinema	Ciclo Cinema	19.418
Teatro	Teatro – Winch Only	152.224
Teatro	Teatro – Desempacotando a minha biblioteca	19.540
Teatro	Teatro – Kakitsubata	53.148
Teatro	Teatro – Gilgamesh	11.542
Teatro	Teatro – Ensaio	12.103
Teatro	Teatro – Return to Sender	36.628
Dança	Dança – 9	32.977
Dança	Dança – They look at me...	4.964
Dança	Dança – Quiet Please	11.394
Ópera	Ópera – Metanoite	35.453
Ópera	Ópera – A Montanha	60.733
Música	Música – Orquestra Gulbenkian	181.373
Música	Música – Divan Orchestra	131.268
Vários	Actividades no Jardim – o Jardim do Mundo	217.202
Residências de Artistas	Residência de artistas – O Sítio das Artes	89.023
Ensaio/Edição	Mercado das ideias e teorias	2.242
Artes Visuais	Obras do CAM em itinerância –Transfert	17.464
Artes Visuais	Exposição	272.118
Artes Visuais	Catálogo Exposição	27.747
Conferência	Grandes Lições	38.015
	<i>Total</i>	2.624.017

Fonte: OAC, a partir de dados facultados pela organização do evento.



## BIBLIOGRAFIA

Borges, Vera (2007), *O Mundo do Teatro em Portugal — Profissão de actor, organizações e mercado de trabalho*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais.

Chan, Michelle (2007), “Porque precisamos de uma nova lei” in *Intermitentes*, brochura do Movimento dos Intermitentes do Espectáculo e do Audiovisual.

Gomes, Rui Telmo, Lourenço, Vanda e Martinho, Teresa Duarte (2006), *Entidades Culturais e Artísticas em Portugal*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Gomes, Rui Telmo e Martinho, Teresa Duarte (2008), *Trabalho e Qualificação nas Actividades Culturais. Um Panorama Em Vários Domínios*, Lisboa, Observatório das Actividades Culturais.

Lourenço, Vanda (2003) “Impacto e receptividade do Programa Cultura 2000 em Portugal”, OBS, nº 12, Observatório das Actividades Culturais.

*Cultural Statistics* (2007, European Commission, Eurostat Pocketbooks.

ERICarts (2008), *Mobility Matters. Programmes and Schemes to Support the Mobility of Artists and Cultural Professionals. Final Report* (<http://www.mobility-matters.eu/web/index.php>)

KEA European Affairs (2006), *The Economy of Culture in Europe*, European Commission.

Piedras Feria, Ernesto (2004) *Cuánto vale la Cultura? Contribución Económica de las Industrias Protegidas por el Derecho de Autor en México*, Conaculta, CANIEM, SOGEM, SACM.

Ministerio de Cultura, Secretaria General Técnica (2006), *El valor económico de la cultura en España*, Secretaría General Técnica.

## ANEXO: LISTA DAS ENTIDADES QUE RESPONDERAM AO INQUÉRITO

1 Pé na Lua & 1 Pé na Terra – Cooperativa Cultural  
1Bigo – Artistas e Eventos  
3 Sentados e 1 Em Pé  
A Barraca  
A Bruxa Teatro  
A Chave do Som  
A Escola da Noite – Grupo de Teatro de Coimbra  
A Gaveta – Associação Cultural d Pesquisa Teatral  
A Menina dos Meus Olhos – Associação Cultural  
ACCCA – Companhia Clara Andermatt  
ACERT – Associação Cultural e Recreativa de Tondela  
ACTA – A Companhia de Teatro do Algarve  
Acting Out – Produção de Espectáculos e Eventos  
ADAT – Associação dos Amigos do Tocá Rufar  
Addvoices – Produção e Consultoria de Vozes  
Adufmusica – Produções e Edições Culturais  
Albi Asta – Associação de Teatro e Outras Artes do Distrito de Castelo Branco  
Alkantara Associação Cultural  
Al-Masrah Teatro – Companhia de Teatro e Artes do Espectáculo  
Amalgama Companhia de dança  
Amar Guitarra  
AMPO – Associação Musical Pró Organo  
Ana Soares Produções  
Andante Associação Artística  
Angel Minds – Gestão e Promoção de Espectáculos  
Animafestas – Neves & Teixeira Lda.  
Animateatro – Associação de Teatro e Animação do Seixal  
António José Martinho – Produção de Eventos (AJM Produções)  
Apsara – Gestão Cultural  
Archimousiké  
Artcom – Associação de Arte e Comunicação, Criadores Independentes  
Artelier? Cia das Artes de Animação e do Teatro de Rua  
Arteventos – Produção e Promoção de Espectáculos e Publicidade  
Artistas Unidos  
Artpodium – Produção de Espectáculos  
As Boas Raparigas Vão Para o Céu as Más Para Todo o Lado  
Assédio – Associação de Ideias Obscuras  
Associação "Grémio das Músicas"  
Associação Cultural Dançar  
Associação Cultural e Teatral In Impetus  
Associação Cultural Este – Estação Teatral da Beira Interior  
Associação Cultural Marionetas em Algazarra  
Associação Cultural Música XXI  
Associação Teatro Experimental de Lagos  
Assocí'Arte – Associação de Comunicação e Artes  
At-Tambur  
Auditório Carlos Paredes  
Auditório de Pinhal Novo  
Auditório Fernando Lopes Graça (Almada)  
Auditório Municipal Augusto Cabrita (Barreiro)  
Auditório Municipal de Lagoa  
Auditório Municipal de Reguengos de Monsaraz



Auditório Municipal Eunice Muñoz (Oeiras)  
Auditório Philippe Friedman  
Aula Magna  
Azevedo, Morais & Silva, Lda  
Azor Waves - Produção de Espectáculos  
Baal 17 - Companhia de Teatro Na Educação  
Ballet Contemporâneo do Norte  
Balleteatro  
Banda Pacífico, Unipessoal Lda  
Bando do Rei Pescador  
Bartilotti, Unipessoal Lda  
Be a Dj  
Best Shot Produções  
Bica Teatro – Associação Cultural  
Bomba Suicida  
Brigada Victor Jara – Produção Musical  
Cale Estúdio Teatro – Associação Cultural de Actores  
Camaleão – Associação Cultural  
Cantar ao Sol  
Capricho Nacional – Produção de Eventos  
Carmen Santos, Unipessoal Lda  
Cartaz – Produção de Espectáculos  
Casa da Cultura da Quimiparque  
Casa da Cultura de Loulé  
Casa da Música  
Casa das Artes do Porto  
Casino Estoril  
Cassefaz - Espectáculos, Vídeos e Publicações Culturais  
Cedece – Companhia de Dança Contemporânea  
Cefalópode Produções  
Cena Cultural Actual – Actividades Culturais  
Centa – Centro de Estudos e Novas Tendências Artísticas  
Centro Cultural António Aleixo  
Centro Cultural de Belém  
Centro Cultural de Lagos  
Centro Cultural de Macedo de Cavaleiros  
Centro Cultural de Poceirão  
Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo  
Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha  
Centro Cultural Gonçalves Sapinho (Benedita)  
Centro Cultural Malaposta  
Centro Cultural Município do Cartaxo  
Centro Cultural Raiano  
Centro Cultural Vila Flor  
Chapitô  
Cinema Batalha  
Cinema Passos Manuel  
Cinema São Jorge  
Cinema-Teatro Joaquim D'Almeida (Montijo)  
Cineteatro António Lamoso  
Cineteatro Caracas  
Cineteatro da Murtosa  
CineTeatro de Alcobaça  
CineTeatro de Almeirim

Cineteatro de Benavente  
Cineteatro de Pombal  
CineTeatro de Sobral de Monte Agraço  
Cineteatro Municipal de Ourém  
Cineteatro Municipal João Mota (Sesimbra)  
Cineteatro Paraíso (Tomar)  
Cineteatro Pax Júlia  
Cineteatro São João (Entroncamento)  
Cineteatro São João (Palmela)  
Cineteatro São Pedro (Abrantes)  
Cineteatro São Pedro (Alcanena)  
Cineteatro São Pedro de Águeda  
Circolando  
Círculo Portuense de Ópera  
Clavichorde Pro – Eventos e Espectáculos Unipessoal  
Cnema – Centro Nacional de Exposições  
Coliseu de Lisboa  
Coliseu do Porto  
Companhia Alforge  
Companhia de Dança de Almada  
Companhia de Dança de Aveiro  
Companhia de Dança de Lisboa  
Companhia de Dança Flamenca de Portugal  
Companhia de Música Teatral  
Companhia de Teatro de Almada  
Companhia Lua  
Companhia Nacional de Bailado  
Companhia Paulo Ribeiro – Associação Cultural  
Companhia Portuguesa de Bailado Contemporâneo  
Companhia Teatral de Braga  
Companhia Teatral do Chiado  
Comuna – Teatro de Pesquisa  
Coral Stella Vitae  
Coro de Câmara de Lisboa  
Coro Regina Coeli  
Cristina Carvalho, Produções Artísticas Unipessoal, Lda  
CulArtes  
Culturgest  
Culturguarda – Gestão da Sala de Espectáculos e Actividades Culturais  
Culturporto – Rivoli  
Culturproject – Gestão de Projectos Culturais  
Culturval – Teatro de Vila Real  
D’Orfeu – Associação Cultural  
De Mi Para Si – Promoção de Eventos  
Desafio Global  
Devir – Associação de Actividades Culturais  
Disfarces – Grupo de Teatro  
Ditirambus – Associação Cultural e Pesquisa Teatral  
Dois Pontos – Associação Cultural  
Drumming – Grupo de Percussão  
Dupla M Produções  
Ecosmusicais  
Efémero – Companhia de Teatro de Aveiro  
EGEAC

Eira – Produção e Realização de Espectáculos e Audiovisuais  
Empresa Municipal de Cultura e Recreio de Seia  
Encerrado Para Obras  
Energy Splash – Produção de Eventos  
Ensemble – Sociedade Cooperativa de Actores  
Entretanto Teatro – Associação Cultural  
Era Uma Vez, Teatro de Marionetas  
Escola de Mulheres – Oficina de Teatro  
Espaço das Aguncheiras  
Espaço Evoé  
Espanta Espíritos  
Estaleiro Teatral  
Eventos Spot – Agenciamento e Produção de Espectáculos  
Fábrica de Movimentos - Associação Cultural  
Fábrica de Música – Produção de Espectáculos  
Fadas e Fios  
Farra Fanfarra  
Fatias de Cá de Tomar  
Filandorra - Cooperativa de Produção, Formação e Animação Teatral  
Fórum Cultural José Manuel Figueiredo (Moita)  
Fórum Municipal Luisa Todi  
Fundação A Lord  
Fundação Calouste Gulbenkian (Serviço de Música)  
Fundação Dr. Elias de Aguiar  
Fundação Eng. António de Almeida  
Fundação Serralves  
Gato Que Ladra – Associação Cultural  
Gesto – Cooperativa Cultural  
GICC – Teatro das Beiras  
Granular – Associação Cultural  
Grupo Acusa Teatro  
Grupo de Música Contemporânea de Lisboa  
Grupo Teatrosfera  
Hepta Trad  
Hipócritas – Associação Cultural e Recreativa  
HM Música  
Hora do Lobo – Artes e Eventos  
Imetua / Cobra Discos  
Incubadora D'artes – Produção de Espectáculos  
Jacc – Jazz ao Centro Clube  
Jangada de Pedra – Produção de Dança e Teatro  
Joana – Grupo de Teatro  
Kumpania Algazarra  
Lages, Lda  
Larapal.Org  
Limite Zero Associação Cultural  
Lisboagência – Actividades Artísticas  
Lua Cheia Teatro Para Todos  
Luís Varatojo (A Naifa)  
Luna Art – Produções Artísticas  
Marionet – Associação Cultural  
Materiais Diversos  
Maus Hábitos – Produção de Eventos e Conteúdos  
MDL - Estúdios e Produções

Mercado da Cultura  
Mundo Perfeito  
Música no Coração  
Musicando, Organização de Eventos  
Músicas do Mundo – Serviços Musicais  
No Mundo da Lua – Centro de Artes  
Núcleo de Experimentação Coreográfica  
O Bando – Cooperativa de Produção Artística, Teatro de Animação  
O Espaço do Tempo – Associação Cultural  
Ocarina – Edições e Produções Musicais  
Ócios e Ofícios – Associação Cultural  
Ofir Produções  
ONC – Produções Culturais Lda.  
Onda Jazz – Organização de Espectáculos  
Ondacruz – Agência de Produção de Espectáculos  
Orquestra Clássica do Centro  
Orquestra das Beiras  
Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras  
Orquestra do Algarve  
Orquestra do Norte  
Orquestra Metropolitana de Lisboa  
Os Bobos e a Corte – Associação Cultural  
Ostinato – Produções Musicais  
Passos e Compassos  
Pavilhão Atlântico  
Pavilhão Multiusos Arena (Portimão)  
Pavilhão Multiusos de Gondomar  
Pavilhão Multiusos de Guimarães  
PédeXumbo – Associação para a Promoção de Música e Danças  
PIA – Projectos de Intervenção Artística  
Pim Teatro  
Pirilampo – Produção e Edição de Som  
Planeta Vermelho (Fingertips)  
Play It Again – Produção e Espectáculos  
Poetas Artes – Projectos Culturais e Artísticos  
Praça das Flores – Produção de Espectáculos  
Praça de Touros Campo Pequeno  
Primeiros Sintomas - Associação Cultural  
Procur'Arte – Associação Cultural  
Produções do Arco-da-velha  
Produções Teatrais Próspero  
Projazz (DM Produções)  
Propositário Azul - Associação Artística  
Publicocleto – Produção Teatral  
Quarteto de Cordas Intermezzo  
Quorum Ballet  
R.L. Produções  
Regi Concerto - Produções Musicais e Audiovisuais  
Regiespectáculo – Sociedade de Produções Culturais  
Ricercaire – Associação Musical  
Roots And Rhythms – Promoção Cultural  
São Lourenço - Associação Cultural e Artística  
Seiva Trupe- Teatro Vivo  
Seivabruta – Cultmanagement

Senhores do Ar – Produção de Espectáculos e Representações  
Ser – Associação Cultural  
Sic – Sociedade Independente de Comunicação  
Sintra Estúdio de Ópera  
Smog – Produções Culturais  
Sociedade de Instrução Guilherme Cossoul  
Sola do Sapato – Produções e Realizações Artísticas  
Sons da Terra – Edições e Produções Musicais  
Sons em Trânsito – Espectáculos Culturais  
Teatrinho de Santarém  
Teatro Aberto  
Teatro Académico Gil Vicente  
Teatro Ao Largo  
Teatro Art'imagem  
Teatro Aveirense  
Teatro da Cornucópia  
Teatro da Didascália  
Teatro da Garagem  
Teatro da Rainha  
Teatro de Marionetas do Porto  
Teatro do Campo Alegre  
Teatro do Frio  
Teatro do Mar  
Teatro do Noroeste – Centro Dramático de Viana  
Teatro do Vestido  
Teatro dos Aloés – Associação Cultural  
Teatro Experimental de Pias  
Teatro Garcia de Resende  
Teatro Helena Sá E Costa  
Teatro Ibérico  
Teatro Infantil de Lisboa  
Teatro José Lúcio Da Silva  
Teatro Maria Matos  
Teatro Meridional  
Teatro Municipal de Faro  
Teatro Municipal de Torre Novas  
Teatro Nacional de Dona Maria II  
Teatro Nacional São João  
Teatro Plástico  
Teatro Politeama  
Teatro Praga – Associação Cultural  
Teatro Sá da Bandeira (Porto)  
Teatro Sá da Bandeira (Santarém)  
Teatro São Carlos  
Teatro São Luiz  
Teatro Tivoli  
Teatro Villaret  
Teatro Viriato  
Teatro-Cine da Covilhã  
Teatro-Cine de Torres Vedras  
Teatromosca  
Terra Culta – Consultoria, Produção e Gestão Cultural  
Terra D'arte – Agenciamento e Produção de Espectáculos  
Theatro Circo (Braga)

**Transforma – Associação Cultural**  
**Três em Pipa – Associação de Criação Teatral e Animação Cultural**  
**Trupilariente – Teatro Circo**  
**Uau – Produtora de espectáculos**  
**Uguru Música**  
**United Sounds Of Music**  
**Vachier & Associados**  
**Vicenteatro – Associação de Animação Cultural**  
**Visões Úteis – Associação Cultural**  
**Vortice.Dance**  
**Zé dos Bois – Associação Cultural**  
**Zona B**

## ANEXO: QUESTIONÁRIO

# Mobilidade Internacional dos Artistas

## 1. Apresentação

O Observatório das Actividades Culturais encontra-se a desenvolver um estudo sobre a MOBILIDADE DOS ARTISTAS, no âmbito de um protocolo com o GPEARl do Ministério da Cultura. Este projecto insere-se no quadro da Agenda Europeia para a Cultura, dando cumprimento ao Plano de Trabalho para a Cultura 2008-2010. Nesse sentido foram criados quatro Grupos de Trabalho, entre os quais o dedicado a analisar a Mobilidade dos Artistas no espaço europeu e países terceiros. Dada a escassez de conhecimento sobre a experiência internacional dos artistas e criadores nacionais (tanto do ponto de vista da circulação no exterior, como da recepção de produções e grupos estrangeiros), procura-se, através do presente inquérito online, recolher informação sobre o assunto.

Esclarecimentos quanto ao preenchimento dos questionários:

1. Para responder às perguntas basta assinalar as opções pretendidas.
2. As perguntas assinaladas com um asterisco (\*) são de resposta obrigatória.
3. É possível interromper o preenchimento do questionário. Para o efeito basta sair da plataforma através do botão "Sair" localizado no canto superior direito do ecrã. Deverá retomar o preenchimento utilizando o mesmo link e o computador onde iniciou o preenchimento.
4. Quando terminar o preenchimento, clique em "Completo".
5. Para qualquer esclarecimento adicional contacte o Observatório das Actividades Culturais. Telefone: 213219860.

## 2. Caracterização - Domínios artísticos

\* 1. Assinale o(s) domínio(s) cultural(ais)/artístico(s) onde desenvolve actividade.

- Teatro
- Dança
- Música
- Transdisciplinar



## Mobilidade Internacional dos Artistas

2. Se considera que algum dos domínios culturais/artísticos anteriores é predominante na sua actividade, assinale qual.

Teatro

Dança

Música

Transdisciplinar

Não há um domínio predominante

3. Indique o ano de início da actual actividade cultural/artística.

Ano de início

### 3. Caracterização - Funções

1. Assinale as funções culturais e artísticas onde desenvolve actividade.

Criação

Produção

Programação

Agenciamento

2. Se considera que alguma das funções culturais/artísticas anteriores é predominante na sua actividade, assinale qual.

Criação

Produção

Programação

Agenciamento

### 4. Experiência internacional

\* 1. Nos últimos 3 anos teve alguma experiência internacional, tanto no sentido de saída para o exterior, como de acolhimento/contratação de artistas ou programação de produções de outros países?

Sim

Não

### 5. Venda de Espectáculos (1)

## Mobilidade Internacional dos Artistas

As perguntas seguintes destinam-se a medir a evolução da experiência internacional durante a última década, considerando o número de espectáculos vendidos.

1. Dos seguintes anos, assinale aqueles em que realizou vendas de espectáculos (em Portugal e/ou no estrangeiro).

€ 2008

€ 2003

€ 1998

### 6. Vendas de Espectáculos (2)

Para os anos assinalados na pergunta anterior, indique o número de espectáculos vendidos. Se não houver informação para todos os anos, preencha, por favor, os totais para o ano mais recente.

1. Número de produções e apresentações/sessões de espectáculos vendidas em 2008.

TOTAL DE PRODUÇÕES EM 2008

TOTAL DE APRESENTAÇÕES/SESSÕES EM 2008

Número de produções em Portugal

Número de produções no estrangeiro

Número de apresentações/sessões em Portugal

Número de apresentações/sessões no estrangeiro

## Mobilidade Internacional dos Artistas

2. Número de apresentações/sessões vendidas no estrangeiro, por país, em 2008.

TOTAL EUROPA	<input type="text"/>
Espanha	<input type="text"/>
França	<input type="text"/>
Alemanha	<input type="text"/>
Reino Unido	<input type="text"/>
Outros países europeus	<input type="text"/>
TOTAL PAÍSES LUSÓFONOS	<input type="text"/>
Cabo Verde	<input type="text"/>
Angola	<input type="text"/>
Moçambique	<input type="text"/>
Brasil	<input type="text"/>
Outros países lusófonos	<input type="text"/>
TOTAL OUTROS PAÍSES	<input type="text"/>
Estados Unidos da América	<input type="text"/>
Outros países	<input type="text"/>

3. Número de produções e apresentações/sessões de espectáculos vendidas em 2003.

TOTAL DE PRODUÇÕES EM 2003	<input type="text"/>
TOTAL DE APRESENTAÇÕES/SESSÕES EM 2003	<input type="text"/>
Número de produções em Portugal	<input type="text"/>
Número de produções no estrangeiro	<input type="text"/>
Número de apresentações/sessões em Portugal	<input type="text"/>
Número de apresentações/sessões no estrangeiro	<input type="text"/>

## Mobilidade Internacional dos Artistas

4. Número de produções e apresentações/sessões de espectáculos vendidas em 1998.

TOTAL DE PRODUÇÕES EM 1998

TOTAL DE APRESENTAÇÕES/SESSÕES EM 1998

Número de produções em Portugal

Número de produções no estrangeiro

Número de apresentações/sessões em Portugal

Número de apresentações/sessões no estrangeiro

## 7. Compra de Espectáculos (1)

1. Dos seguintes anos assinale aqueles em que realizou compras de espectáculos (portugueses ou internacionais).

€ 2008

€ 2003

€ 1998

## 8. Compra de Espectáculos (2)

Para os anos assinalados na pergunta anterior, indique o número de espectáculos comprados. Se não houver informação para todos os anos, preencha, por favor, os totais para o ano mais recente.

1. Número de sessões de espectáculos comprados durante 2008.

Total de sessões de espectáculos comprados em 2008

# Mobilidade Internacional dos Artistas

2. Número de sessões de espectáculos comprados, por país de origem, em 2008.

TOTAL EUROPA	<input type="text"/>
Portugal	<input type="text"/>
Espanha	<input type="text"/>
França	<input type="text"/>
Alemanha	<input type="text"/>
Reino Unido	<input type="text"/>
Outros países europeus	<input type="text"/>
TOTAL PAÍSES LUSÓFONOS	<input type="text"/>
Cabo Verde	<input type="text"/>
Angola	<input type="text"/>
Moçambique	<input type="text"/>
Brasil	<input type="text"/>
Outros países lusófonos	<input type="text"/>
TOTAL OUTROS PAÍSES	<input type="text"/>
Estados Unidos da América	<input type="text"/>
Outros países	<input type="text"/>
ESPECTÁCULOS CO-PRODUZIDOS COM PAÍSES EUROPEUS	<input type="text"/>
ESPECTÁCULOS CO-PRODUZIDOS COM OUTROS PAÍSES	<input type="text"/>

3. Número de sessões de espectáculos comprados durante 2003.

Total de sessões de espectáculos comprados em 2003	<input type="text"/>
--	----------------------

# Mobilidade Internacional dos Artistas

4. Número de sessões de espectáculos comprados, por país de origem, em 2003.

TOTAL EUROPA	<input type="text"/>
Portugal	<input type="text"/>
Espanha	<input type="text"/>
França	<input type="text"/>
Alemanha	<input type="text"/>
Reino Unido	<input type="text"/>
Outros países europeus	<input type="text"/>
TOTAL PAÍSES LUSÓFONOS	<input type="text"/>
Cabo Verde	<input type="text"/>
Angola	<input type="text"/>
Moçambique	<input type="text"/>
Brasil	<input type="text"/>
Outros países lusófonos	<input type="text"/>
TOTAL OUTROS PAÍSES	<input type="text"/>
Estados Unidos da América	<input type="text"/>
Outros países	<input type="text"/>
ESPECTÁCULOS CO-PRODUZIDOS COM PAÍSES EUROPEUS	<input type="text"/>
ESPECTÁCULOS CO-PRODUZIDOS COM OUTROS PAÍSES	<input type="text"/>

5. Número de sessões de espectáculos comprados durante 1998.

Total de sessões de espectáculos comprados em 1998	<input type="text"/>
--	----------------------

## Mobilidade Internacional dos Artistas

6. Número de sessões de espectáculos comprados, por país de origem, em 1998.

TOTAL EUROPA	<input type="text"/>
Portugal	<input type="text"/>
Espanha	<input type="text"/>
França	<input type="text"/>
Alemanha	<input type="text"/>
Reino Unido	<input type="text"/>
Outros países europeus	<input type="text"/>
TOTAL OUTROS PAÍSES EUROPEUS	<input type="text"/>
Cabo Verde	<input type="text"/>
Angola	<input type="text"/>
Moçambique	<input type="text"/>
Brasil	<input type="text"/>
Outros países lusófonos	<input type="text"/>
OUTROS PAÍSES	<input type="text"/>
Estados Unidos da América	<input type="text"/>
Outros países	<input type="text"/>
ESPECTÁCULOS CO-PRODUZIDOS COM PAÍSES EUROPEUS	<input type="text"/>
ESPECTÁCULOS CO-PRODUZIDOS COM OUTROS PAÍSES	<input type="text"/>

## 9. Contratação de artistas/intérpretes de outras nacionalidades

As perguntas que integram este tópico abordam as relações de trabalho e os vínculos laborais, com especial atenção para a circulação internacional de profissionais.

Por profissionais permanentes entende-se os que têm um vínculo de trabalho efectivo ou um contrato de trabalho de longa duração, e que exerceram a sua actividade durante todo o ano de 2008.

Por profissionais temporários entende-se os que integraram acções ou projectos de forma temporária durante 2008, sem terem um vínculo permanente à estrutura de acolhimento.

# Mobilidade Internacional dos Artistas

1. Quantos profissionais permanentes - nacionais e estrangeiros - integraram os elencos da estrutura, em 2008?

Total de profissionais permanentes ao serviço em 2008

2. Indique, por favor, o número de profissionais permanentes, por país de origem, em 2008.

TOTAL EUROPA

Portugal

Espanha

França

Alemanha

Reino Unido

Outros países europeus

TOTAL PAÍSES LUSÓFONOS

Cabo Verde

Angola

Moçambique

Brasil

Outros países lusófonos

TOTAL OUTROS PAÍSES

Estados Unidos da América

Outros países

3. Quantos profissionais temporários - nacionais e estrangeiros - integraram os elencos da estrutura, em 2008?

Total de profissionais temporários ao serviço em 2008



## Mobilidade Internacional dos Artistas

4. Indique, por favor, o número de profissionais temporários, por país de origem, em 2008.

TOTAL EUROPA	<input type="text"/>
Portugal	<input type="text"/>
Espanha	<input type="text"/>
França	<input type="text"/>
Alemanha	<input type="text"/>
Reino Unido	<input type="text"/>
Outros países europeus	<input type="text"/>
TOTAL PAÍSES LUSÓFONOS	<input type="text"/>
Cabo Verde	<input type="text"/>
Angola	<input type="text"/>
Moçambique	<input type="text"/>
Brasil	<input type="text"/>
Outros países lusófonos	<input type="text"/>
TOTAL OUTROS PAÍSES	<input type="text"/>
Estados Unidos da América	<input type="text"/>
Outros países	<input type="text"/>

### 10. Participação em co-produções internacionais (1)

1. A estrutura esteve envolvida em alguma co-produção com outros países durante 2008?

Sim

Não

### 11. Participação em co-produções (2)

1. Indique, para o ano de 2008, o número de participações em co-produções internacionais e o número de entidades envolvidas.

Número de co-produções realizadas

Número de entidades envolvidas

## Mobilidade Internacional dos Artistas

2. Identifique os 5 principais parceiros das co-produções internacionais realizadas em 2008.

1.
2.
3.
4.
5.

3. Assinale, pela mesma ordem, a nacionalidade dos parceiros mencionados na pergunta anterior.

Nacionalidade

1.
2.
3.
4.
5.

4. Indique as principais fontes de financiamento das co-produções realizadas em 2008.

- Financiamento próprio
- Financiamento dos co-produtores envolvidos
- Financiamentos públicos nacionais
- Financiamentos públicos de outros países
- Financiamentos provenientes de Programas europeus
- Financiamentos ao abrigo de protocolos de cooperação internacional
- Financiamentos resultantes de investimentos privados/mecenato
- Outros financiamentos

Quais

### 12. Programas europeus (1)

1. Participou em algum Programa europeu de apoio à internacionalização?

Sim

Não

### 13. Programas europeus (2)

## Mobilidade Internacional dos Artistas

1. Indique, por favor, quais.

- Programa Cultura 2000
- Programa Operacional da Cultural (POC)
- Programa Cultura 2007-2013
- Europa para os cidadãos
- Juventude em Movimento
- Aprendizagem ao Longo da Vida
- Erasmus e Erasmus Mundus
- Euro-Med
- Outros

Quais?

### 14. Residências artísticas (1)

1. Organizou residências artísticas em 2008?

Sim

Não

### 15. Residências artísticas (2)

1. Indique o número de residências artísticas organizadas em 2008.

2. Assinale, por favor, as actividades que estiveram associadas às residências realizadas em 2008.

- Criação
- Formação
- Produção/Montagem de espectáculos
- Apresentação de espectáculos
- Outras

Quais?

## Mobilidade Internacional dos Artistas

3. Indique, por favor, o número total de participantes e a sua repartição por países de origem.

TOTAL DE PARTICIPANTES

EUROPEUS

Portugal

Espanha

França

Alemanha

Reino Unido

Outros países europeus

TOTAL DE PARTICIPANTES

DE PAÍSES LUSÓFONOS

Cabo Verde

Angola

Moçambique

Brasil

Outros países lusófonos

TOTAL DE PARTICIPANTES

DE OUTROS PAÍSES

Estados Unidos da América

Outros países

4. Nomeie até 5 dos principais projectos associados às residências realizadas em 2008.

1

2

3

4

5

### 16. Bolsas/estágios (1)

Este bloco de questões refere-se a bolsas/estágios no domínio das artes performativas especificamente dedicados à qualificação e valorização profissionais.

1. A estrutura acolheu, durante 2008, bolseiros/estagiários?

Sim

Não

### 17. Bolsas/estágios (2)

# Mobilidade Internacional dos Artistas

Se não for possível indicar a nacionalidade dos bolseiros/estagiários ou o país de destino das bolsas/estágios, por favor indique os totais.

1. Se sim, indique o número de bolseiros/estagiários acolhidos na estrutura, por nacionalidade.

TOTAL DE BOLSEIROS/ESTAGIÁRIOS ACOLHIDOS	<input type="text"/>
Portuguesa	<input type="text"/>
Espanhola	<input type="text"/>
Francesa	<input type="text"/>
Alemã	<input type="text"/>
Inglesa	<input type="text"/>
Outras europeias	<input type="text"/>
Cabo-verdiana	<input type="text"/>
Angolana	<input type="text"/>
Moçambicana	<input type="text"/>
Brasileira	<input type="text"/>
Outras lusófonas	<input type="text"/>
Norte-Americana	<input type="text"/>
Outras nacionalidades	<input type="text"/>

## 18. Bolsas/Estágios (3)

1. Foram atribuídas bolsas/estágios para outros países?

Sim

Não

## 19. Bolsas/estágios (4)

## Mobilidade Internacional dos Artistas

1. Indique o número de bolsas/estágios atribuídos, por país de destino.

TOTAL DE BOLSAS/ESTÁGIOS ATRIBUÍDOS	<input type="text"/>
Espanha	<input type="text"/>
França	<input type="text"/>
Alemanha	<input type="text"/>
Reino Unido	<input type="text"/>
Outros países europeus	<input type="text"/>
Cabo Verde	<input type="text"/>
Angola	<input type="text"/>
Moçambique	<input type="text"/>
Brasil	<input type="text"/>
Outros países lusófonos	<input type="text"/>
Estados Unidos da América	<input type="text"/>
Outros países	<input type="text"/>

### 20. Apoios à internacionalização (1)

1. Nos últimos três anos, contou com apoio financeiro de outras entidades para a internacionalização da actividade artística?

Sim

Não

### 21. Apoios à internacionalização (2)

## Mobilidade Internacional dos Artistas

1. Que entidades atribuíram apoio financeiro?

- Ministério da Cultura
- Outros organismos da Administração Central
- Autarquias
- Outros países (por exemplo, através de embaixadas)
- Programas comunitários
- Fundações
- Entidades do sector privado/mecenato
- Outros apoios

Quais?

## 22. Orçamento

1. Indique o intervalo onde se situa o montante do orçamento da estrutura, em 2008.

- Até 20.000 euros
- Entre 20.000 e 50.000 euros
- Entre 50.000 e 100.000 euros
- Entre 100.000 e 500.000 euros
- Mais de 500.000 euros

2. Qual a percentagem da despesa realizada em 2008 com actividades de internacionalização?

Percentagem

3. Qual a percentagem da receita gerada em 2008 por actividades de internacionalização?

Percentagem

## 23. Balanço - Trajectórias de internacionalização (1)

Esta pergunta e as seguintes propõem um balanço dos factores de sucesso e insucesso da experiência de internacionalização, quer no sentido de venda de espectáculos em circuitos estrangeiros quer no sentido de compra e programação de produções de outras nacionalidades.

## Mobilidade Internacional dos Artistas

1. Das seguintes frases, assinale as que correspondem à sua experiência.

- A internacionalização é um aspecto fundamental da actividade em termos de afectação de recursos (receitas, pessoas, tempo)
- A internacionalização seguiu-se naturalmente à implantação no mercado nacional
- A internacionalização tem funcionado como via alternativa às limitações encontradas no mercado nacional
- A conjugação da actividade nacional e internacional é muito variável de acordo com os anos
- A actividade internacional é esporádica

## 24. Balanço - Trajectórias de internacionalização (2)

1. Desde quando a internacionalização constitui um aspecto fundamental da sua actividade?

- Desde o início da actual actividade
- Numa fase intermédia da actual actividade
- Recentemente
- É intermitente
- Não é um aspecto fundamental da actividade

## 25. Balanço - Estratégias

1. Assinale a influência que tiveram as seguintes estratégias na sua experiência de internacionalização.

	Sem influência	Influencia pouco	Influencia	Influencia razoavelmente	Influencia muito
Estabelecer uma parceria com uma entidade que lhe permitiu a participação numa rede internacional	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ser convidado para participar em projectos liderados por parceiros internacionais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Liderar projectos que envolvem parceiros de outros países	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Investir em formas de comunicação que intensificam contactos com eventuais parceiros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Elaborar planos de venda em circuitos internacionais para cada espectáculo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>



## Mobilidade Internacional dos Artistas

2. Qual a sua percepção relativa às oportunidades de internacionalização nos últimos 3 anos?

- Diminuíram muito
- Diminuíram
- Mantiveram-se
- Aumentaram
- Aumentaram muito

3. Assinale, por favor, os factores negativos que contribuíram para as percepções assinaladas anteriormente.

- Custos de deslocação
- Formalidades administrativas (como vistos, autorizações, etc.)
- Fiscalidade (formas diferenciadas de tributação, etc.)
- Falta de apoios públicos nacionais
- Falta de apoios públicos internacionais, incluindo programas comunitários
- Ausência de parceiros internacionais
- Dificuldade de domínio de línguas estrangeiras
- Outros factores

Quais?

4. Assinale, por favor, os factores positivos que contribuíram para as percepções assinaladas anteriormente.

- Existência de apoios públicos nacionais
- Existência de apoios públicos/estatais internacionais
- Existência de apoios de programas comunitários
- Receitas obtidas em mercados internacionais
- Reconhecimento obtido em mercados internacionais
- Estabelecimento de parcerias de longa duração
- Facilidades de circulação no espaço europeu
- Acordos de cooperação com países lusófonos
- Outros factores

Quais?

# Mobilidade Internacional dos Artistas

## 26. Observações

1. Se pretender deixar algum comentário sobre a internacionalização cultural ou sobre o questionário, por favor, utilize a caixa de texto. Obrigada.

## 27. Contactos

1. Para a eventual necessidade de esclarecimentos relativos ao preenchimento do questionário, deixe, por favor, alguns elementos de contacto.

Nome da estrutura

Responsável preenchimento

Função desempenhada

Data de preenchimento